

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

Mariléia Tenório Dionísio

A QUESTÃO DO VALOR NA LINGUAGEM
PARA (O CÍRCULO DE) BAKHTIN

Vitória
2010

Mariléia Tenório Dionísio

A QUESTÃO DO VALOR NA LINGUAGEM
PARA (O CÍRCULO DE) BAKHTIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Lingüísticos, na área de concentração em Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon

Vitória
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

D592q Dionísio, Mariléia Tenório, 1971-
 A questão do valor na linguagem para (o círculo de) Bakhtin
 / Mariléia Tenório Dionísio. – 2010.
 88 f.

 Orientador: Luciano Novaes Vidon.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito
 Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

 1. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovitch), 1895-1975 - Crítica
 e interpretação. 2. Valores. 3. Linguagem. I. Vidon, Luciano
 Novaes. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
 Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Mariléia Tenório Dionísio

A QUESTÃO DO VALOR NA LINGUAGEM
PARA (O CÍRCULO DE) BAKHTIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Lingüísticos, na área de concentração em Estudos sobre Texto e Discurso.

Aprovada em 8 de abril de 2010.

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon - UFES
Orientador, presidente da sessão e da comissão examinadora

Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco - UFPR
Membro Titular Externo

Prof^a. Dr^a. Cleonara Maria Schwartz - UFES
Membro Titular Interno

Fica registrado em palavras o meu “muito obrigada” a todos que contribuíram com este trabalho.

Fica registrado em palavras oficialmente o meu agradecimento à FAPES pela bolsa concedida.

Espero que permaneça em meu coração pelo infinito dos tempos o meu sentimento de gratidão às pessoas que cooperaram nesta empreitada, sentimento que as palavras podem até registrar, mas não substituem.

“Viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica.”

(BAKHTIN, 1992[1920-24]: p. 203)

RESUMO

Pesquisar no pensamento do Círculo de Bakhtin a questão do valor ou axiologia desdobrada na concepção de linguagem constitui o objetivo desta investigação. Reelaborado como pergunta de trabalho, assim pode ser formulada: qual o estatuto do valor em sua relação com a linguagem para o Círculo? Até o presente momento, entre os estudos que se apóiam no pensamento bakhtiniano publicados no Brasil e considerados nesta pesquisa, inexistem aqueles que tenham como foco principal a dimensão axiológica, muito embora a maior parte deles contemple de uma maneira ou de outra as noções com ela imbricada e/ou a ela associadas com intermitência conceitual e terminológica: entonação, entoação, tom emocional-volitivo, tom, tonalidade, índice social de valor, expressividade, apreciação, acento (apreciativo, avaliativo ou de valor), posicionamento valorativo, julgamento de valor, avaliação e ideologia. Considero mais representativas entre eles as análises de Faraco (2006a, 2007a) defendendo que a axiologia é um dos três eixos orientadores da concepção bakhtiniana de linguagem; de Miotello (2007b) e de Ponzio (2008), ambos abordando o valor predominantemente envolto nas discussões sobre ideologia; de Amorim (2006, 2007, 2009), ao chamar a atenção para o enfoque ético; de Sobral (2007a, 2007b, 2007c, 2008, 2009), que destaca as discussões de cunho filosófico; de Souza (1999) contemplando aspectos do valor na linguagem dentro da “teoria do enunciado concreto” e de Tezza (2003), embutida na sua tese sobre a relação poesia-prosa para Bakhtin. É também em Bakhtin, na vertente epistemológica de seu pensamento, que busco orientação para esta pesquisa teórica, cuja característica predominantemente bibliográfica é resignificada nos limites deste trabalho, na medida em que se tenta estabelecer diálogos entre uma parte dos textos do Círculo publicados em português, os textos dos leitores-estudiosos bakhtinianos, principalmente os acima mencionados, e o texto desta dissertação. Por fim, propor uma tarefa cujo principal resultado poderá contribuir para o preenchimento da lacuna apontada justifica esta pesquisa.

Palavras-chave: valor, axiologia, linguagem, Bakhtin.

ABSTRACT

Tone, intonation, emotional-volitional tone, index of social value, expressiveness, accent, value-based positioning, value judgment, evaluation, assessment, point of view, and ideology are all notions related to the issue of value (i.e., axiology) within the framework of ideas of the Bakhtin Circle. Considering the studies that have been published based on the bakhtinian thought in Brazil to date, we can say that most of them deal with those concepts in one way or another (e.g., Faraco, Miotello, Sobral, Amorim, Souza e Tezza). Nonetheless, there is no particular study that focuses on the relationships between the conception of language and the questions of value. Thus, the aim of this dissertation is to find out the status of value within the bakhtinian concept of language in some of Bakhtin's oeuvres. The adopted methodology is also based on the Bahkitin's concept of epistemology as our approach tries to establish dialogues between the original writings and the Brazilian authors that addressed the subject.

Key words: value, axiology, language, Bakhtin.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1 Proseando com Bakhtin sobre questões metodo(epistemo)lógicas...	15
2 A noção de valor: reflexões primeiras (ou: o valor em PFA).....	22
3 Valor e linguagem.....	45
3.1 Entonação (ou: o valor em DVDA, MFL e GD).....	46
3.2 Signo e ideologia (ou: o valor em MFL).....	67
3.3 Relação dialógica (ou: o valor em PPD).....	74
3.4 Comentários esparsos.....	77
4 Considerações (quase sempre nunca!) finais.....	81
Referências.....	84

Introdução

Investigar no pensamento de Bakhtin a axiologia em sua relação com a linguagem constitui o objetivo principal desta pesquisa que, convertido em uma pergunta de trabalho, pode ser formulada da seguinte maneira: qual o estatuto do valor e seus desdobramentos dentro da concepção de linguagem para o Círculo de Bakhtin?

Encontram-se praticamente em todos os textos do Círculo discussões e retomadas em torno da orientação axiológica. Tal gesto está congruente com as retomadas gerais e recorrentes salientadas por outros leitores¹ de Bakhtin (e por ele mesmo²) em relação às demais noções e categorias apresentadas e desenvolvidas no conjunto de seu pensamento. Portanto, rever aquilo que se afirmou anteriormente com grande chance de que fará outra reflexão futura se caracteriza como uma marca peculiar na postura de Bakhtin, uma prática decorrente da idéia mesma de inacabamento (“A unidade de uma idéia em processo de formação e desenvolvimento” reaproximada várias vezes ao longo do tempo sem necessariamente indicar os elos intermediários) interligada com a de inconclusibilidade (nada nunca estará acabado e com todos os sentidos definidos para sempre).

Neste estudo contemplo *Para uma Filosofia do Ato* (PFA, sigla adotada deste ponto em diante, bem como as outras apresentadas neste parágrafo), *Discurso na Vida Discurso na Arte* (DVDA), *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD) e os seguintes artigos que compõem a coletânea *Estética da Criação Verbal* (ECV): *O autor e o herói* (AH), *Os gêneros do discurso* (GD), *O problema do texto* (PT), *Apontamentos 1970-1971* (A) e *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas* (OSECH).

Se o estatuto do valor (conceito? categoria? princípio? eixo? Elemento ou núcleo de um agrupamento conceitual? Protótipo?) ainda é desconhecido aqui e agora, e por isso a ser pesquisado, nem por isso é impertinente afirmar de início que ao longo da obra

¹ Bocharov, por exemplo, na introdução da edição russa de PFA, página 10: “Era característico para Bakhtin voltar a certos temas capitais constantes no seu trabalho filosófico e formular novas variantes de suas idéias favoritas”. Sobral (2007a [2005]: p. 17) lembra “o amor bakhtiniano pelas variações”. Para Amorim (2009a: p. 19) é “uma escrita construtora do próprio pensar” na medida em que a cada nova retomada de um elemento aparentemente repetitivo, há um avanço.

² BAKHTIN, M. Apontamentos 1970-71. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1970-71]. p. 397

bakhtiniana a questão valorativa desponta sob variadas denominações, com algumas predominando em determinados textos: *tom emocional-volitivo* e *centro de valor*, em PFA; *entonação expressiva*, em ECV no capítulo de GD; *entonação* e *índice social de valor* em MFL; *ento(n)ação* em DVDA; *ponto de vista* em PPD; *avaliação*, *apreciação*, *orientação* e *horizonte* – sempre seguido do qualificativo *social* –, *acento* e *tonalidade*, todos eles distribuídos, porém sem predomínio.

Na grande maioria dos textos sobre (destaque para o “sobre”) o Círculo, de uma ou de outra maneira a questão axiológica pode ser percebida. Considero mais representativos os seguintes estudos: Amorim (2006, 2007, 2009a) que a aborda imbricada nas discussões sobre alteridade e epistemologia, mas principalmente sobre ética; Faraco (2006a, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2007c), que introduz e defende a idéia de que a dimensão axiológica é um dos três grandes eixos da concepção de linguagem do Círculo; Miotello (2004, 2006, 2007a, 2007b, 2008) e Ponzio (2008) ao reservarem espaço a ela principalmente (mas não exclusivamente) nas discussões sobre ideologia; Sobral (2007a, 2007b, 2007c, 2008, 2009), que a inclui nas reflexões de ordem mais filosófica em torno da noção de ato; Souza (1999) ao contemplar as noções de entonação e expressividade em sua proposta de uma “teoria do enunciado concreto” e Tezza (2003), embutida na sua tese sobre a relação entre poesia e prosa para Bakhtin.

Reunir no mesmo trabalho uma parcela dessas discussões acumuladas, e ao mesmo tempo tentar oferecer contrapalavras, justifica nossa investigação, considerando que até onde pesquisamos tal proposta não foi identificada ou publicada. Levando em conta também que de meados da década de noventa para cá tem havido um crescente número de traduções de obras de/sobre o Círculo para o português, pesquisas, publicações, formação de grupos de estudo e eventos em âmbito nacional e internacional no Brasil³, tais fatos podem ser lidos como argumento para justificar nossa escolha por Bakhtin. Esse aumento no interesse pela obra bakhtiniana, no entanto, merece pelo menos dois comentários.

No primeiro, um eco de Schnaiderman⁴, que em 2004 apontava para

³ Por exemplo, a XI Conferência Internacional sobre Bakhtin, realizada em 2003 entre os dias 21 e 25 de julho em Curitiba, no Paraná.

⁴ SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin e o Ocidente: Etapas de uma Aproximação. In: CLARK, Katerina, HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. SP: Perspectiva, 2004 [1984], p. 12

uma certa saturação no uso de categorias bakhtinianas, a tal ponto que o estudioso russo Vitáli Makhlin propôs no congresso de estudos bakhtinianos, realizado em Moscou em 1995 (centenário do nascimento do teórico russo), que os teóricos se abstivessem de utilizar termos como 'dialogismo', 'polifonia', 'carnavalização', pois eles estavam viciados por excesso de uso e banalizados.

Para fugir a (essa e a minha também) a tendência de tentar resguardar uma pureza ou verdade única, esforço-me – e aí entra o segundo comentário – por adotar uma postura bakhtinianamente correta tentando ouvir Wall, em artigo cujo intuito é “falar sobre a história dinâmica da recepção internacional de Bakhtin”⁵, apontando entre outros aspectos importantes que

um dos requisitos para que você se torne um leitor de Bakhtin é estar disposto a permitir que leitores bakhtinianos de todos os cantos do mundo o leiam. E permitir que eles leiam Bakhtin tanto *com* você quanto *contra* você.⁶ [...] deveríamos considerar cuidadosamente que o 'Bakhtin' sobre o qual falamos pessoalmente raramente, ou talvez nunca, é o mesmo 'Bakhtin' ao qual os outros se referem e nenhum deles é o mesmo 'Bakhtin' que o próprio Mikhail Bakhtin teria em mente sobre si próprio⁷ [...] Precisamos desenvolver e sofisticar ferramentas para escutarmos os outros 'Bakhtins'.⁸

Uma amostra desse constante estado de tensão sobre o objeto de estudo Bakhtin é a leitura-posicionamento de Faraco quando defende que ocorre um equívoco em “transformar categorias filosóficas em categorias científicas, em categorias de métodos (*polifonia, diálogo, carnavalização* são, talvez, os casos mais clássicos desse processo)”, pois “são antes discussões dos fundamentos de uma ciência da linguagem”⁹.

Por fim, apresentei estes comentários para afirmar que a escolha da questão axiológica se deveu em parte justamente para fugir ao processo de banalização que os conceitos mais conhecidos vêm sofrendo. Claro que todos eles continuam importantes, apesar da superexposição, e que a última palavra não foi (nem nunca será) dada. Preferi, assim, focar na dimensão valorativa e, a partir dela, rever (ou ler “ao meu modo”) algumas das idéias que compõem a concepção de linguagem do Círculo.

⁵ WALL, Anthony. Por uma estética da recepção bakhtiniana ou O valor da mudança de expectativas. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 305

⁶ Ibid., p. 314

⁷ Ibid., p. 315

⁸ Ibid., p. 316

⁹ FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006a [2003], p. 39

Por um lado, conversando com seu conterrâneo Duvakin em 1974, Bakhtin se auto define “Filósofo, mais que filólogo. E assim permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador”¹⁰. Por outro lado, na recepção de seu pensamento e obra observa-se uma “flutuação teórica”¹¹ (por si só impressionante!): “... antiformalista ... fenomenologista ... pós-estruturalista ... proto-estruturalista”¹², “o criador da categoria do ‘romance polifônico’ ... teórico do romance”¹³, “interacionista ... lingüísta ... teórico da literatura”¹⁴, “um homem religioso e um marxista, dialogando entre si”¹⁵, “fundador de discursividades”¹⁶, “ ‘mais um formalista russo’ ... neokantiano ... moralista ... arauto da ‘carnavalização’ ”¹⁷, inclinado a mistificações¹⁸, “cristão-ortodoxo ... teórico da cultura ... humanista ... materialista”¹⁹, “ ‘francês’ dos anos 1970 ... ‘americano’ dos 1980 ... ‘russo’ dos 1990 ... ‘visto do Oeste’ ... ‘visto do Leste’ ”²⁰, “mestre do plágio”²¹, um incômodo²², “um barato ... mas difícil”²³, ... Percebe-se assim que qualquer tentativa de apresentação ou de análise do “objeto de estudo Bakhtin”²⁴ terá como caminho possível situar os diversos “Bakhtins”²⁵ posicionando-se quanto a manter (ou não) esses (e por que não outros?) atributos a ele(s).

¹⁰ BAKHTIN, M.; DUVAKIN, Viktor. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008 [1996], p. 45

¹¹ FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, Gilberto de. Apresentação. In: _____ (Org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006c, p. 16

¹² STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Tradução de Heloísa Jahn. SP: Ática, 1992, p. 9 (Série Temas, Vol. 20)

¹³ TEZZA, Cristovão. *Entre a poesia e a prosa: Bakhtin e o formalismo*. RJ: Rocco, 2003, p. 13

¹⁴ FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. SP: Ática, 2006, pp. 15-16

¹⁵ SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 graus. Uma experiência brasileira. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 18

¹⁶ AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. SP: Musa Editora, 2004 [2001], p. 15

¹⁷ FARACO, op. Cit., p. 13, nota 11

¹⁸ VASILEV, N. L. A história da questão sobre a autoria dos ‘textos disputados’ em estudos russos sobre Bakhtin (M. M. Bakhtin e os seus co-autores) In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 297

¹⁹ FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. Apresentação. In: _____ (Org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007c [1996], p. 10

²⁰ SÉRIOT, Patrick. Bakhtin no contexto: diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites). In: ZANDWAIS, Ana (Org.) *Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. pp.59-60

²¹ WALL, 2006: p. 311

²² Ibid., pp. 310-312

²³ FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007b [1996], p. 97

²⁴ WALL, 2006: p. 306

²⁵ Ibid., p. 306

“Cada um pesquisa – e encontra! – na herança teórica de Bakhtin aquilo que mais lhe interessa”, é o que afirma Velmezova²⁶. De fato me interessa a linguagem em uma ótica axiológica na perspectiva bakhtiniana. Não penso, entretanto, que estou buscando – e encontrando – um axiologista (ou axiólogo) no sentido estrito do termo, nem tampouco forjando um objeto de estudo inexistente. O que percebo que estou e continuarei encontrando e/ou elaborando é um perfil (entre tantos possíveis, como a exuberante recepção acima deixa indicada) de Bakhtin, dentro do conjunto de seu pensamento, voltado para a problemática valorativa-avaliativa na linguagem. Além disso, o Bakhtin que aqui se mostra “fala português”, ainda que ora com um sotaque, ora com outro, participando de uma quase-“roda de conversa bakhtiniana”²⁷.

É também com o pensador russo, sobretudo na dimensão epistemológica de seu pensamento, que busco orientação para esta pesquisa teórica, cuja característica predominantemente bibliográfica é por ela ressignificada.

Quanto ao emprego exclusivo do nome de Mikahil Bakhtin, ou como apresentado no próprio título da pesquisa, antecedido entre parênteses pelo termo “Círculo de”, ou no corpo do texto, apenas Círculo, nos encontramos diante de uma questão viva e em movimento. Dito em outras palavras, a discussão sobre a autoria, os textos disputados, controversos ou “contestáveis”²⁸, os “reais e pseudotextos”, as máscaras, as vozes, seja lá qual nome ganhar, ainda é tópico em aberto e controverso, apesar de advertências como a do trio Faraco-Tezza-Castro de que “não é mais possível [...] tratar Voloshinov ou Medvedev, sem ressalvas cuidadosas, como ‘Bakhtin’ ”²⁹. Considerando principalmente que eu-outro se constituem reciprocamente, parece-me que os membros do Círculo de fato vivenciaram esse princípio quanto à autoria dos livros/artigos, ou seja, não interessa qual nome estará impresso na capa, pois todos esses “outros” constituem esse eu-autor tanto empírico quanto das obras em pauta. Por comodidade, então, mas também por uma lacuna na minha leitura que contraponha todas as obras atribuídas aos diferentes membros do grupo, emprego com mais frequência o nome de Bakhtin ou o termo Círculo. Aos interessados, ficam sugeridas

²⁶ VELMEZOVA, Ekaterina. Mikhail Bakhtin, o mecânico e as fronteiras. In: ZANDWAIS, Ana (Org.) *Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p. 73

²⁷ Evento anual promovido pelo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

²⁸ VASILEV, 2006: p. 29 et. seq.

²⁹ FARACO, 2006c: p. 14

algumas leituras mais pontuais: Faraco (2006a: p.13-16), Souza (1999: p. 24-28), Tezza (2003: p. 23-55) e Vasilev (2006), além do recente livro-coletânea “Bakhtin e o Círculo”³⁰ organizado por Brait, dando continuidade ao debate.

Pareceria muito objetivo apresentar diretamente como a pesquisa (ou melhor, o texto resultante dela) está organizada. Algo como: no primeiro capítulo “x”, no segundo “y” e por fim “z”. Mas essa linearidade higienizada não ocorreu aqui. À medida que pesquisava, os textos do e sobre o Círculo ora nos diziam algo que não estávamos considerando, ora pedia que revíssemos posições que pareciam já consolidadas, ora reafirmavam “minha” leitura, percepções alcançadas (creio eu) em função da metodologia adotada. Isto minimamente problematizado, o texto final da dissertação ficou composto por quatro partes.

Na primeira, as questões epistemológicas e metodológicas se tornaram assunto para uma prosa com Bakhtin.

Calcada predominantemente nos fragmentos do manuscrito intitulado PFA, na parte dois, primeiras reflexões, confirma-se a cada nova leitura uma das faces da natureza da questão axiológica: filosófica com imersões no campo da ética. Se por um lado foram poucas as nossas oscilações quanto à importância dessa abordagem, por outro o que nos propusemos é apresentar minimamente a discussão, que pede aprofundamentos futuros por estudiosos mais familiarizados com essas complexas questões, um pouco ao modo como propõe Amorim³¹ quando identifica em PFA a “matriz filosófica de tudo o que vem depois”³², ou como afirma Holquist de forma mais contida: PFA “ilumina o perfil da obra inteira de Bakhtin”³³.

A terceira parte, desdobramentos do valor na linguagem, foi reformulada várias vezes, pois tendo identificado logo de partida a presença bastante forte do valor em várias noções (entonação, entoação, tom emocional-volitivo, centro de valor, tom, tonalidade,

³⁰ BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin e o Círculo*. SP: Contexto, 2009

³¹ “Seria preciso, agora, que um filósofo, conhecedor dos autores citados explícita e implicitamente no texto de Bakhtin, examinasse em profundidade a leitura e a interpretação que Bakhtin deles faz e que pudesse nos mostrar até onde, do ponto de vista estritamente filosófico, PFA traz uma contribuição original.” (AMORIM, 2009a: p. 20)

³² AMORIM, M. Para uma Filosofia do Ato: ‘válido e inserido no contexto’. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, Polifonia e Dialogismo*. SP: Contexto, 2009a, p. 19

³³ HOLQUIST, Michael. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do Ato*. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza, 1993, p. 5

índice social de valor, entonação expressiva, apreciação, acento – apreciativo, avaliativo ou de valor –, posicionamento valorativo, julgamento de valor, avaliação e ideologia), esmiuçar com precisão a natureza dessas relações bem como as nuances terminológicas mostrou-se difícil. Tal dificuldade se deu principalmente porque, como dito anteriormente, Bakhtin retoma suas idéias com frequência, sem necessariamente se preocupar em fechar cada termo-conceito. Esse, portanto, foi o motivo para que se optasse pelo critério de eleger um termo mais proeminente e tratá-lo dentro de um recorte considerando principal – mas não exclusivamente – um grupo de obras/artigos do Círculo.

Feita essa escolha, no primeiro sub-capítulo a ento(n)ação será o carro chefe a ser vasculhado em DVDA, GD e MFL. No segundo, signo-ideologia em MFL. A relação axiologia-dialogia prioritariamente em PPD encontra-se no terceiro. E, no último sub-capítulo, um apanhado de alguns comentários e análises esparsas que não se enquadram nos critérios definidos para as seções anteriores nem justificam dentro dos nossos propósitos um tratamento isolado e autônomo.

Recapitulando: primeira parte, metodologia; em seguida, a questão axiológica em suas reflexões primeiras; terceira parte, o valor e a linguagem.

Por fim, na quarta e última parte, algumas considerações (quase sempre nunca!!!) finais.

1. Proseando com Bakhtin sobre questões metodo(epistemo)lógicas

Basicamente o caminho a ser percorrido será o de reunir algumas obras bakhtinianas em português, ler e analisar o assunto recortado, no caso a realização axiológica na linguagem. Para contribuir com essa análise, recorro a textos de terceiros (em sua grande maioria também escritos e/ou traduzidos em/para o português) que tratam da problemática escolhida. Formatada desse modo, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica³⁴. E explícito: apenas teórica, pois não será feito qualquer tipo de análise³⁵, aplicação, comprovação, teste, experimento, etc., envolvendo o mundo empírico. Portanto, cumulativamente, pesquisa teórica e bibliográfica.

Entretanto, Bakhtin desenvolveu seu pensamento transitando entre as várias áreas do conhecimento humano³⁶ e, o que queremos destacar, inclusive abordando a complexa questão epistemológica no campo das ciências humanas. Embora não constitua nosso propósito principal adentrar nesta esfera, um grau mínimo de congruência se impõe entre (a) aquilo que li e estudei sobre suas idéias em geral para extrair a questão mais específica de meu interesse e (b) as opções metodológicas assumidas nesta pesquisa.

Ratifico com isso que, pesquisa bibliográfica sim, porém busco me orientar por três das grandes reflexões epistemológicas e diretrizes metodológicas apresentadas pelo Círculo, resultado de uma prosa inicialmente não esperada. Que nome isso recebe? Não sei. Antecipo que não se trata do “método sociológico” proposto pelo Círculo, como sintetizado por Miotello³⁷, nem de uma “investigação dialógica” nos moldes desenhados

³⁴ Gil (1999), quanto aos delineamentos de pesquisa, classifica a pesquisa bibliográfica (“desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”, como consta na página 65) como uma entre outros tipos: documental, experimental, *ex-post-facto*, levantamento ou *surveys*, estudo de campo e, por último, estudo de caso.

³⁵ Um exemplo de análise interpretativa abordando os índices sociais de valor dentro do gênero do discurso entrevista pingue-pongue em jornalismo de revistas se encontra no trabalho de Silva (2007 e 2008)

³⁶ Foge ao nosso objetivo aqui tentar enquadrar Bakhtin como “trans-”, “inter-”, “multi-”, “poli-” ou mesmo “in-” disciplinar.

³⁷ Miotello (2007a: pp. 280-5) (re)constrói “o método de estudo, a metodologia de trabalho proposto por Bakhtin para o estudo da língua”, denominado método sociológico, no qual estão definidas entre outros aspectos suas três tarefas (“1- transcrever o acontecimento ético no seu aspecto social, já vivido e avaliado empaticamente na contemplação estética; 2- sair dos limites do objeto e introduzir o acontecimento em ligações sociais e históricas mais amplas; 3- ultrapassar os limites de análise propriamente estética”), três regras (1- não separar o ideologia da realidade material do signo; 2- não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social; 3- não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material”) e sua nova ordem metodológica (1- as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza; 2- as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal; 3- a partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual”).

por Souza³⁸, nem tampouco de uma “abordagem/perspectiva dialógica” elaborada por Amorim³⁹. Nada disso “na íntegra”, mas um apanhado desses elementos levando a uma releitura ou ressignificação do conceito de pesquisa bibliográfica exclusivamente no domínio desse trabalho.

Início concordando com Faraco⁴⁰ quanto a não existência nas idéias do Círculo de um “conjunto de procedimentos para a análise literária e para a análise lingüística”, um “método”, um “projeto metodológico” e um “modelo instrumentalizante de uma análise científica”. Isto se dá porque o pensamento bakhtiniano é de “natureza filosófica” e não de “natureza científica”. Em outros termos, a questão do Ser e do mundo em seus sentidos múltiplos e amplos prevalece sobre uma concepção de mundo composta por objetos compartimentalizados, objetivos e a serem matematicamente calculados, com conseqüente “esquecimento do Ser”. Trata-se, portanto, da caracterização desse algo a ser estudado (e nesse momento evito o termo corrente “objeto” de estudo), que para Bakhtin são os Seres Humanos inter-agentes que falam por intermédio de textos-signos (voltaremos a esses princípios logo à frente), daí a ênfase na linguagem.

Justamente porque Bakhtin, em OSECH (1940/1974)⁴¹, continuava aspirando a uma “cientificidade diferente”⁴² – cujas bases tinham sido fundadas lá nos idos de 1920 em PFA na sua proposta de superação da cisão entre “o mundo da vida” e o “mundo teórico” ou “da cultura”, propondo que se operasse com a unicidade do ato como um todo, e portanto negando o recorte – sempre se deparou com a dificuldade para desenvolver procedimentos (de acordo com o modelo das ciências exatas que vigorava na época e ainda predomina) sem se contradizer conceitualmente. Daí sua recusa e/ou

³⁸ Para Souza (1999: p. 14), na investigação dialógica há que se considerar o objeto de análise (“o enunciado concreto, dialógico – interior e exterior, cotidiano, artístico, o enunciado enquanto um acontecimento ou existência, um acontecimento social”) como um todo orgânico obedecendo, no caso em pauta, os seguintes aspectos: “1) o micro-diálogo, ou seja, o diálogo interior a cada uma das obras do Círculo; 2) o diálogo exterior, o diálogo com o outro composicionalmente expresso e que é inseparável do diálogo interior; 3) o grande diálogo das obras como um todo”.

³⁹ Amorim (2004: p. 14-16) opera com a hipótese de que em grande parte a produção do conhecimento se organiza em torno da questão da alteridade. Dependendo da maneira como a pesquisa (mal)trata o *outro*, certos efeitos de conhecimento são produzidos. Nessa direção, ao priorizar a relação entre o pesquisador e o *outro*, a abordagem ou perspectiva dialógica pode ser compreendida como uma “proposta de análise, uma via de investigação, uma maneira de interrogar e não um método de pesquisa ou um modelo de escrita.”

⁴⁰ FARACO, 2006a: pp. 34-43

⁴¹ Conforme nota no início do capítulo, página 400 de ECV-OSECH: “Texto de 1974. Último escrito do autor, inspirado nas notas de trabalho de um estudo que era dedicado (em 1940) aos ‘fundamentos filosóficos das ciências humanas’ ”

⁴² BAKHTIN, M. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1974/1940], p. 404

constantes prorrogações em levar adiante alguns esforços de classificação e esquemas. Somado a isso, seria contraditório esperar uma régua ou um manual de quem celebrou o “caráter imprevisível do mundo”, regozijou-se com a “fatalidade da incerteza”, defendeu uma “metafísica da escapatória”, não se deixou levar pela ilusão da fixidez do significado e nem pela superstição de uma verdade absoluta, nas palavras de Clark e Holquist⁴³.

A segunda grande reflexão diz respeito a diferentes efeitos de conhecimento dependendo do tipo de relação que se estabelece entre aquele que investiga e o objeto investigado. Bakhtin defende que nas ciências humanas deveria ocorrer uma relação entre sujeitos⁴⁴: um sujeito (o ser humano que se põe a conhecer praticando um ato de cognição, o sujeito compreendente) e outro sujeito (ser humano que se pronuncia e fala, o sujeito compreendido). Ele recusa a “coisificação” e mutismo desses seres humanos, principalmente a que vinha ocorrendo no lado do sujeito-pesquisado. Não é porque a relação entre o sujeito e o objeto nas ciências naturais e exatas desfrutava (e ainda desfruta) de reconhecimento e importância que deveria ser reproduzido no campo das ciências humanas. O estatuto do que é estudado (no caso, o ser humano ativo, capaz de se manifestar e posicionar, diferentemente de objetos inertes e passivos) tem de ser levado em conta. Para os objetivos deste trabalho, vale ainda enfatizar “o juízo de valor como elemento necessário da cognição dialógica” nesta relação entre um sujeito que se pretende compreendente e sujeito(s) compreendido(s).

Terceiro: “o texto é o dado primário (a realidade) e o ponto de partida de todas as disciplinas nas ciências humanas”, é uma das inúmeras características que cabe destacar em PT. De maneira muito sucinta, a inter-relação entre: o homem, o(s) sentido(s), o signo, o texto – nesse conjunto de signos (tanto verbais quanto não-verbais) sempre há um sujeito atribuindo sentidos, com sua visão de mundo, posicionando-se e interagindo dentro de um universo de valores.

Essas três orientações decorrem das proposições gerais de cunho epistemológico bakhtinianas, elas mesmas reações às discussões e concepções de outras

⁴³ CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. SP: Perspectiva, 2004[1984], pp. 361-3

⁴⁴ O tipo de relação sujeito-sujeito identificado por Bakhtin em *Apontamentos 1970-1971* (p. 378) é uma (e a preferida por ele para as ciências humanas) dos três tipos classificados juntamente com objeto-objeto e sujeito-objeto.

perspectivas envolvendo as ciências humanas e as ciências naturais. A tabela a seguir permite uma visualização contrastiva sintética e geral de alguns dos principais pontos.

	Ciências Humanas	Ciências Naturais
Objeto	Texto, expressão de alguém (sujeito); não deve ser reificado; “objeto falante” ⁴⁵	Coisa Muda; “objeto falado” ⁴⁶
Sujeito	Pelo menos dois sujeitos: o que analisa e o que é analisado	Contempla e fala sobre uma coisa muda
Relação	Sujeito-sujeito	Sujeito-objeto
Prioridade	Compreensão	Explicação
Limite da exatidão	Não fundir em um só os dois sujeitos	Identidade, controle, reprodutibilidade do experimento
Saber	Dialógico	Monológico

Tudo isso traz problematizações diretas para a metodologia aqui em elaboração: tanto pesquisadora-mestranda quanto os autores-obras são (ou deveriam ser) compreendidos como sujeitos que falam. Isto não é difícil de ser repetido e soa arrojado dentro de práticas nas quais os pesquisadores tendem a ignorar o(s) seu(s) outro(s) pesquisado(s). Mas, por outro lado, indago: como garantir que esse “outro”, esse sujeito falante, esse “sujeito a ser estudado” seja de fato escutado, considerado e respeitado? O que deve ser evitado e o que deve ser contemplado? Em que essa reflexão se diferencia, por exemplo, da abordagem convencional em uma pesquisa bibliográfica, com exceção desse querer considerar o outro?

Talvez os escritos do Círculo sirvam como exemplo ou resposta. Neles (PFA, DVDA, MFL, PPD, ECV, para ficar com a bibliografia de trabalho) identifica-se um cuidado em trazer as posições de vários “outros” quanto a determinado assunto, apresentando em que e como cada um contribui e falha para, então, feita essa síntese que nem anula as diferenças nem amalgama os méritos, Bakhtin desenvolva e afirme suas idéias e

⁴⁵ AMORIM, M. Memória do objeto: uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. Revista *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, 1o sem. 2009b, p. 12. Disponível em: http://www.linguagemememoria.com.br/sites/arquivos/downloads/marilia_amorim.pdf
Acessado em: 7/12/2009

⁴⁶ Ibid., p. 12

posicionamento. Concomitantemente, se antecipa respondendo a possíveis objeções, esclarece prováveis dúvidas ou confusões e destaca os pontos que quer ressaltar, levando em conta seus leitores potenciais, também considerados como “outros”.

Talvez outros princípios (empatia, exotopia, amor estético) possam ser tomados como respostas de Bakhtin. Fiquemos por exemplo com uma variação deste último, a noção de “contemplação ou atenção amorosa”⁴⁷:

A multiplicidade de valor do Ser como humano (correlacionado ao ser humano) pode apresentar-se apenas a uma contemplação amorosa. [...] apenas a atenção amorosa interessada é capaz de desenvolver uma força suficientemente poderosa para abranger e reter a multiplicidade concreta do Ser, sem empobrecê-la ou esquematizá-la.

A recíproca é verdadeira – nesse caso a “reação indiferente” e “hostil”, correspondendo no nível biológico à “indiferença” e ao “esquecimento” – e pode ajudar a compreender melhor quais atitudes não se esperam aqui:

Uma reação indiferente ou hostil é sempre uma reação que empobrece e decompõe seu objeto: ela procura passar por alto pelo objeto em toda sua multiplicidade, ignorá-lo ou superá-lo. Biologicamente, a própria função da indiferença consiste em nos livrar da multiplicidade do Ser, desviando-nos daquilo que, do ponto de vista prático, não é essencial para nós – uma espécie de economia ou preservação de nos dissiparmos na multiplicidade. Também é essa a função de esquecer.

Da última vez que li Robert Stam⁴⁸, deparei-me mais ou menos com uma análise semelhante. Claro, ele não me leu – e o inverso é verdadeiro – o que faz crer que se por um determinado momento tive a ilusão de que o que emergia eram as “minhas” palavras, certamente elas vieram à tona porque introjetei de alguma forma as “palavras alheias” de Stam. Passado um intervalo de tempo entre a primeira vez que li, o momento em que volto ao livro dele e depois quando escrevo esta dissertação, reconheço o que ocorreu: uma espécie de processo de *monologização*⁴⁹, ou seja, esquecimento de que era palavra do outro, transformação em semi-alheia para então palavra própria.

⁴⁷ BAKHTIN, M. Para *uma Filosofia do Ato*. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1920-24], pp. 81-2

⁴⁸ STAM (1992)

⁴⁹ Conceito-expressão empregada por Bakhtin (1992 [1974/1940]: p. 406) e retomada posteriormente, por exemplo, em Lemos (1994) e Amorim (2009b: p. 12).

Feito esse comentário-analítico, mostro o que o autor de “Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa” nos oferece: “o próprio Bakhtin pratica a polifonia discursiva em suas críticas.” Exemplificando e ao mesmo tempo fortalecendo a defesa dessa tese, apresenta o caso de PPD, o que está muito próximo ao que propus nos parágrafos imediatamente anteriores na forma de “talvez”:

Ele [Bakhtin] cita toda uma galeria de críticos [...], mas não o faz para sobrepujar as vozes dos outros, e sim para utilizá-las no âmbito de sua própria orquestração. Cita esses críticos longamente, permitindo-nos ouvir suas vozes com ressonância plena. Não vê os outros críticos como oponentes a serem aniquilados, mas como colaboradores potenciais para um discurso polifônico. Neste sentido, a prática crítica do próprio Bakhtin exemplifica o dialogismo de que fala.

Na mesma direção, pode-se dizer que Miotello também estende esse alcance ao afirmar que “o método sociológico foi sendo utilizado pelo Círculo de Bakhtin em todos os seus embates teóricos”⁵⁰. Sobral analisando a “epistemologia e metodologia nas teses do Círculo” chega a nominar tal postura como “método socrático bakhtiniano”⁵¹. “A partir de uma crítica amorosa e rigorosa”, o que queremos enfatizar neste momento, “dos fundamentos de outras concepções de linguagem, particularmente a teoria da expressão do idealismo lingüístico (enraizada nas idéias de Humboldt) e aquela do sistema objetivo do estruturalismo saussureano” é que se constituiu a concepção de linguagem do Círculo, o que também nos interessa enfatizar, tudo isso na opinião de Faraco⁵².

(finalizando a lista dos talvez...) Talvez, ainda, buscar uma resposta nas palavras de Miotello⁵³ quando afirma que “o pesquisador da linguagem tem um projeto de dizer ao tratar de determinado tema, e busca os textos que estão por toda a parte onde há humanos em atividade e os articula, no sentido de apresentar a eles uma contra-palavra, o seu estudo.”

Chego ao final com três constatações.

⁵⁰ MIOTELLO, Valdemir. Estudo da língua em Bakhtin – objeto e metodologia. In: SIGNORI, M. B. D., GATTOLIN, S. R. B., MIOTELLO, V. (org). Década - Dez anos entre o aprender e o ensinar linguagens. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007a. p. 281

⁵¹ SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007b [2005], p. 136

⁵² FARACO, 2007b: p. 102

⁵³ MIOTELLO, op. Cit., p. 284

A primeira é que, para este tipo de metodologia, postula-se uma postura de respeito da pesquisadora em relação ao “outro”, dando-lhe vez, ouvindo sua voz e explicitando sua presença. E continuo me perguntando: conseguirei (e quero? e saberei?) assim proceder? Ou a empreitada é complexa, sujeita a riscos, deslizos e mesmo equívocos como aquele apontado por Bezerra em relação a Kristeva (“Da análise do discurso bakhtiniano restou uma voz: a voz autoritária da própria Kristeva com sua intertextualidade”⁵⁴), um belo (contra-)exemplo?

Segunda: na opinião de Bakhtin, no campo estético, apenas Dostoiévski conseguiu colocar no mesmo plano as palavras/vozes de diferentes “outros”, heróis e autor. Se por um lado indiquei que talvez os materiais escritos por Bakhtin pudessem servir como exemplo dessa postura de extremo respeito (ou escuta, consideração) pela voz do “outro”, ele próprio assim não se vê nem aponta outro estudioso ou pesquisador como exemplo, com exceção quando compara o Dostoiévski jornalista político e pensador com o Dostoiévski artista⁵⁵. Vale comentar que na página dez do prefácio de MFL, Jakobson afirma que Dostoiévski é a “própria metodologia científica”⁵⁶ de Bakhtin, e, apesar do caráter extremamente sucinto dessa afirmação, ela nos parece pertinente.

Enfim, por último, pesquisa bibliográfica revisitada à luz de Bakhtin.

Era para ter acabado na linha imediatamente anterior, mas as palavras de Possenti⁵⁷ encontram ressonância no meu lado um tanto quanto desobediente e provocativo, com a simples e gigantesca diferença de que a ele é permitido dizer o que disse, quanto a mim... por ora, apenas transcrever:

Então Bakhtin resolveu todos os problemas teóricos e metodológicos? Nada mais anti-bakhtiniano. Pensar assim seria reduzir seu pensamento a um manual, que é o que menos se pode fazer, seja porque continua havendo história e vida, seja porque seu fraco talvez seja exatamente a falta de decisões metodológicas. O que não é um problema grave, porque nunca se pretendeu cientista. Quem sente falta delas que as elabore.

⁵⁴ BEZERRA, P. Prefácio: Uma obra à prova do tempo. In: *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed., RJ: Forense Universitária, 2008 [1929/1963], p. XXI

⁵⁵ BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed., RJ: Forense Universitária, 2008 [1929/1963], p. 103-110

⁵⁶ Para Amorim (2009a: p. 20), citando Bibikhine, “Dostoiévski, autor que coloca a questão moral no centro de sua obra, é para Bakhtin não apenas um *corpus*, mas um paradigma para seu próprio pensamento.”

⁵⁷ POSSENTI, Sírio. Prefácio: Intervindo nas leituras de Bakhtin. In: FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006a [2003], p. 9

2. A noção de valor: reflexões primeiras (ou: o valor em PFA)

O que queremos fazer é uma representação, uma descrição da arquitetura real, concreta, do mundo dos valores experimentados – não com uma fundação analítica à frente, mas com aquele centro real, concreto, tanto espacial quanto temporal, do qual surgem avaliações, asserções e ações, e onde os membros constituintes são objetos reais, interconectados por relações-evento no evento único do Ser.⁵⁸

E o que queremos fazer neste capítulo é lançar nosso olhar para a questão do valor nessas reflexões primeiras – porque texto essencialmente filosófico⁵⁹ – presentes nas primeiras reflexões do ponto de vista cronológico, ou como ficou conhecido, *Para uma Filosofia do Ato*, manuscrito provavelmente redigido entre 1920-24, porém um dos últimos achados bakhtinianos a ser publicado⁶⁰ e que vem repercutindo sobre o que até então se afirmava sobre o pensamento do Círculo.

A problemática dos valores se faz presente explícita e diretamente com a noção de *tom emocional-volitivo* a partir do segundo terço do texto e com a noção de *centro de valor* na última parte de PFA. Indiretamente está embutida na discussão sobre o *dever* (moral/ético), que em clave bakhtiniana pode ser sumariamente condensada na categoria da *responsabilidade* ou *não-álibi*, dimensão nuclear e predominante do início ao fim de PFA juntamente com a também nuclear concepção de *ato*. Uma breve interrupção para uma nota: seria importante mergulhar nessas discussões, mas não faremos aqui mais do que deixar apontadas algumas sugestões de leituras⁶¹, além de apresentar ligeiras e superficiais ponderações sobre o assunto mais à frente. Continuando, antes de exemplificar sua arquitetura valorativa do mundo real a partir da arquitetura da visão estética em um poema, o que para nós caracteriza a terceira e última parte de PFA, Bakhtin tanto considera como seus interlocutores abordavam a problemática axiológica quanto ao mesmo tempo apresenta sua contra-palavra frente a eles. Marcando a passagem entre a segunda parte, onde discorre mais detalhadamente sobre a dimensão axiológica, e a parte final, recapitula suas posições e apresenta algo como uma declaração de propósitos sintética acima parcialmente transcrita e complementada na forma negativa que se segue:

⁵⁸ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 78

⁵⁹ Como defendem Amorim (2009a) e Sobral (2007b) entre outros estudiosos bakhtinianos.

⁶⁰ De acordo com Amorim (2009a: p. 18-9), o texto original foi publicado na Rússia em 1986 e a partir dele foram elaboradas três traduções: uma de 1993 em inglês traduzida por Liapunov; a de Tatiana Bubnova em espanhol datada de 1997 e a francesa de 2003 por Ghislaine Capogna Bardet. Acrescento que em português contamos com a versão didático-acadêmica de Faraco e Tezza, da qual nos servimos.

⁶¹ São elas: Amorim(2004, 2006, 2007, 2009a e 2009b), Ponzio (2008) e Sobral (2007a, 2007c, 2008, 2009).

Não é nossa intenção construir um sistema logicamente unificado de valores com o valor fundamental – minha participação no Ser – situado à frente, ou, em outras palavras, construir um sistema ideal de vários valores possíveis. Nem propomos dar uma transcrição teórica dos valores que têm sido realmente, historicamente, reconhecidos pela humanidade, de modo a estabelecer entre eles relações lógicas tais como subordinação, co-subordinação, etc., isto é, de modo a sistematizá-los. O que nós queremos fornecer não é um sistema, nem um inventário sistemático de valores, onde conceitos puros (auto-idênticos em conteúdo) interconectam-se sob a base da correlação lógica.⁶²

Desenhada introdutória e rapidamente em bloco a questão do valor em PFA (e por partes e em seguida retomaremos os pontos acima destacados), cabe neste momento minimamente tentar situar conectando-a com as outras principais discussões no domínio do universo axiológico. Para tal recorreremos principalmente a Johannes Hessen⁶³, em texto no qual se propõe entre outros objetivos fornecer uma “vista de conjunto [...] sobre o panorama geral das [...] doutrinas e tendências” acerca do “problema axiológico, em matéria de Filosofia dos Valores”, mesmo que Moncada escreva que “o livro de Hessen está longe de nos dar um tratado completo de Axiologia, no sentido de conter uma enumeração total dos seus problemas”, mas logo em seguida se auto-questionando: “onde se encontrará hoje, ou algum dia, um tratado de Axiologia completo neste sentido?”⁶⁴.

Hessen caracteriza a Filosofia dos Valores (ou Axiologia ou Teoria geral dos valores) como uma disciplina relativamente recente⁶⁵ – e isto explicaria o estado “verdadeiramente anárquico”⁶⁶ em que se encontrava – muito embora “o objeto de que trata remonte à antigüidade clássica”⁶⁷, a saber: o problema ou a essência dos valores éticos, estéticos e religiosos.

Dando um salto no tempo, por um lado de maneira extremamente mais sucinta do que Hessen e por outro voltando o foco para a linguagem, o que este não fez, Charaudeau e Maingueneau⁶⁸ incluíram o verbete *valor* no Dicionário de Análise do Discurso que

⁶² BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 78

⁶³ HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução de L. Cabral de Moncada. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1967 [1936] (Coleção Studium)

⁶⁴ MONCADA, L. C. de. Prefácio. In: HESSEN, J. *Filosofia dos valores*. Trad. de L. C. de Moncada. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1967 [1936] (Coleção Studium), p. 9

⁶⁵ E ele assim escreveu em 1932

⁶⁶ HESSEN, op. Cit., p. 32

⁶⁷ Ibid., p. 24

⁶⁸ CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução por Fabiana Komesu. 2. ed. SP: Contexto, 2008 [2004], p. 492-3

elaboraram, tópico que Trask⁶⁹ deixou de contemplar em seu Dicionário de Linguagem e Lingüística. Assim como Hessen, a dupla registrou a configuração de uma teoria geral de valores, no final do século XIX, que reverberou amplas discussões sobre o valor, em diferentes áreas como a psicologia, as ciências sociais e as humanidades. No campo da linguagem, os dois identificaram desdobramentos na área da argumentação, sem incorporarem qualquer referência às discussões propostas pelo Círculo.

Apesar disso, pode-se dizer que Bakhtin acrescenta seu “elo” à questão dos valores, sem necessariamente se caracterizar como um axiólogo e nem mesmo reunindo diferentes respostas como fez Hessen às perguntas abaixo:

Que são os valores? Que espécie de ser lhes corresponde? Qual a estrutura ôntica desta classe de objetos ideais, parecidos com os números, que povoam a nossa consciência espiritual e que parecem não ser meramente subjetivos mas ter uma objetividade própria? Que espécies e categorias há de valores e qual a sua respectiva dignidade em hierarquia? [questões da Ontologia dos valores] Que meios de conhecimento temos para os apreender? [Gnoseologia dos valores] [...] em que relação se acham eles com o homem, com a vida, com o espírito, com Deus? [Antropologia e Teologia dos valores]⁷⁰

Bakhtin está longe de lutar por uma objetividade e absoluteidade dos valores éticos, ou em outros termos, combater o relativismo e subjetivismo, o que segundo Hessen fizeram Sócrates e Platão, mesmo que este último tenha seguido pela Metafísica culminando na Teoria das Idéias, “outra coisa senão uma Teoria dos valores”⁷¹, além de coisificar, hipostasiar e entender por “valor apenas a sua idéia”⁷².

Quando os valores são trazidos do plano das idéias e se concretizam na própria realidade empírica, verifica-se uma aproximação de Bakhtin em relação a Aristóteles, mas sem se deter nas formas essenciais em uma dimensão cósmica, posição de “valor como grandeza cósmica”⁷³ que se manteve inclusive na Escolástica aristotélica.

Quanto a Kant, Hessen o reconhece como aquele que maior contribuição deu para a moderna Filosofia dos valores, por ter deslocado a idéia de valor do campo do Cosmos para “o domínio pessoal da consciência”, mas sem que o valor ético fosse “apenas algo de subjetivo”, considerando que a convicção kantiana era a de que “a realidade se

⁶⁹ TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. SP: Contexto, 2004

⁷⁰ MONCADA, 1967 [1936]: p. 8

⁷¹ HESSEN, 1967 [1936]: p. 25

⁷² *Ibid.*, p. 38

⁷³ *Ibid.*, p. 25

move, em última análise, em torno dos valores da nossa consciência moral, e de que o ser, na sua íntima essência, e o bem, afinal, coincidem.”⁷⁴

Holquist, ao editar e prefaciar PFA, vislumbrou uma tentativa bakhtiniana de superar⁷⁵ o caráter “altamente abstrato” do sistema kantiano, ao “recuperar a imediaticidade nua da experiência como ela é sentida de dentro da máxima particularidade de uma vida específica”⁷⁶, bem como a tentativa de destranscendentalizar o imperativo ético, ao colocar a responsabilidade ou não-álibi em oposição ao princípio da “universalidade do dever” ou “como se”⁷⁷, tudo isso levando-o a afirmar que Bakhtin tem uma relação de “obsessão” com Kant.

Hessen em seu mapeamento da moderna Filosofia dos valores coloca a corrente neokantiana como uma das seis mais importantes juntamente com a corrente fenomenológica, a psicológica, a neofichteana, a neo-escolástica e por último, a corrente derivada da “ciência-fundamental” de Rehmke. Mas ele mesmo assevera que “toda a conciliação entre estas diversas doutrinas se nos afigura quase impossível”⁷⁸, e pelo menos quatro delas já se encontravam em declínio ou superadas: o psicologismo; a aristotélica-escolástica; o “Logicismo extremo da escola neokantiana [...] insuficiente e unilateral”⁷⁹ e, sem continuadores o ontologismo ou ontologificação⁸⁰ de Hartmann.

Antes de fazermos algumas relações entre as duas primeiras correntes e Bakhtin, lembramos que figuras como Nietzsche, Lotze (“o verdadeiro pai da moderna Filosofia dos valores”⁸¹) e Brentano são nomes destacados por Hessen na história da Teoria dos valores.

⁷⁴ HESSEN, 1967 [1936]: p. 26

⁷⁵ Na análise de Costa (1997), Bakhtin foi “[...] um continuador do pensamento kantiano, desenvolvendo-o no âmbito da teoria literária [...]”

⁷⁶ HOLQUIST, 1993: p. 6

⁷⁷ “Todos os agentes morais deveriam fazer julgamentos ‘como se’ suas conseqüências não se aplicassem a um caso particular envolvendo os próprios interesses do agente, mas antes ‘como se’ cada julgamento pudesse afetar qualquer pessoa em qualquer tempo” é o que afirma Holquist na página 5 de PFA.

⁷⁸ HESSEN, op. Cit.: p. 35

⁷⁹ Ibid., p. 36

⁸⁰ Na opinião de Hessen, Hartmann passou de um ponto de vista inicialmente neokantiano subjetivista e funcionalista para um ontologismo estreito, no qual os valores passam a ser considerados e definidos como entes-in-se, autônomos, desligados de suas relações com os sujeitos.

⁸¹ HESSEN, op. Cit.:p. 26

Hessen vê em W. Windelband o fundador do neokantismo, tendo como discípulo e sucessor⁸² Heinrich Rickert, que desenvolveu o “sistema no sentido de um *logicismo axiológico* consumado”⁸³. Este último é explicitamente evocado, e rejeitado, em três passagens de PFA. Na primeira, Bakhtin afirma que “a tentativa de conceber o *dever* como a mais alta categoria formal (a afirmação-negação⁸⁴ de Rickert) está baseada num equívoco”⁸⁵, pois, até onde conseguimos perceber, fere profundamente em conjunto as noções de ato, de responsabilidade e de tom emocional-volitivo, caras a Bakhtin. Na segunda e terceira em um mesmo bloco, Bakhtin reconhece a possibilidade da seguinte situação, embora pelo mesmo motivo discorde dela:

quando separamos abstratamente o conteúdo de uma experiência vivida de sua experiência real, o conteúdo se apresenta a nós como algo absolutamente indiferente ao valor enquanto valor real e afirmado. Mesmo um pensamento sobre valor pode ser separado de um ato real de avaliação.⁸⁶

E, como a declaração de propósitos bakhtiniana deixa entrever, a posição de Rickert quanto ao valor é considerada também equivocada dentro da maneira como este atribui valor aos bens⁸⁷.

Na opinião de Faraco⁸⁸, a questão axiológica é um dos problemas formulados pelos filósofos neokantianos que serviu como fio condutor para as reflexões do Círculo, principalmente nos primeiros textos, PFA e AH.

⁸² “Fundador e líder” são as palavras que Vadim Liapunov emprega na nota 13 de PFA para caracterizar o papel de Rickert (1863-1936) dentro do neokantismo, juntamente com Wilhelm Windelband

⁸³ HESSEN, 1967 [1936]: p. 30

⁸⁴ Na nota 13 de PFA encontra-se quanto à afirmação-negação: “Rickert afirma que a cognição é um juízo verdadeiro, e um juízo verdadeiro consiste ou da afirmação de um valor ou da negação (recusa, rejeição) de um desvalor. O que é peculiar ao julgamento, portanto, é que ele representa um comportamento ou/ou; a afirmação é apenas um lado de um par de oposições, que consiste de afirmação e negação. Cognição verdadeira, então, não é a representação (*Abbilden*) de um Ser transcendente, mas a identificação ou reconhecimento de um “Dever transcendente” – o reconhecimento de valores *ou* a condenação de desvalores.”

⁸⁵ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 22

⁸⁶ *Ibid.*, p. 51

⁸⁷ Na nota 104, página também 104 de PFA, há um excerto que sintetiza essa posição de Rickert: “Existem objetos reais que, como se diz, possuem valor. Uma obra de arte, por exemplo, é uma realidade-objeto dessa espécie. Mas o valor que ela possui, ou o valor que se atribui a ela, é claramente não-idêntico à sua realidade: tudo que é real sobre ela (tela, tintas, etc.) não pertence ao valor que ela possui. Chamaremos, então, as realidades-objetos vinculadas com valores, de bens [*Güter*], para diferenciá-las dos valores atribuídos a eles. Além disso, os valores devem também ser estritamente separados, pelos menos conceitualmente, dos atos psíquicos de avaliação realizados por um sujeito real, e de fato de qualquer avaliação real. É certamente verdadeiro que para nós os valores estão sempre associados com avaliações reais ou que nós podemos encontrar valores apenas em bens reais. Mas desde que os valores estão associados com as realidades, eles não são o mesmo que as avaliações reais ou os bens reais.” HESSEN assim transcreve, na página 41, a expressão “bem” (*Gut*): “chamamos valor não ao bem, coisa real e sensível à qual o valor adere, mas ao próprio valor aderente”.

⁸⁸ FARACO, 2006a: pp. 17-19

Alguns elementos da análise de Hessen, quando se propõe determinar o sentido da palavra *valor* procedendo fenomenologicamente, podem ser transpostos para a orientação do valor em Bakhtin: a rejeição do método apriorístico, ou seja, evitar “partir de certos conceitos prévios já formados, para extrair deles depois o conceito de valor”; o reconhecimento da importância da ativa experiência ou vivência do valor, com o cuidado de não tomar esta parte como o todo do fenômeno. É Averintev quem afirma que a abordagem de Bakhtin é essencialmente similar a de Husserl, por exemplo quanto à orientação para “a unidade indivisível da ‘experiência-vivida’ e a ‘intenção’ nela contida”, como no conceito chave de ato (evento-eventicidade-ação realizada), salientando entretanto a peculiaridade da ênfase bakhtiniana na responsabilidade. Liapunov, em seu prefácio de PFA e em duas notas, insiste em salientar que é o próprio Bakhtin que declaradamente opta por uma abordagem fenomenológica para o conceito de Ser-evento (processo).

Bakhtin se serve do arcabouço fenomenológico explicitamente quando faz sua primeira (e única) menção ao papel da linguagem e à importância da “inteira plenitude da palavra” em PFA. Estabelece um paralelo entre “a palavra viva, a palavra completa” e os objetos/relações, no percalço da elaboração de sua filosofia primeira e na tentativa de “descrever o Ser-evento como ele é conhecido pelo ato ou ação responsável”. Ali nas páginas 49 e 50 encontra-se que, nem a palavra, nem o objeto, nem as relações se encerram e se fecham em si mesmos; o que predomina sempre são os momentos inseparáveis do ser e do valor, daquilo que-é e daquilo-que-deve-ser, daquilo que-é-dado e daquilo que-é-para-ser-alcançado, “momentos constituintes de um certo todo vivo, concreto, palpável (intuível) e único – um evento”. A atitude valorativa por intermédio da entonação, no caso da palavra, e o tom emocional-volitivo de maneira mais geral, coloca o objeto, o ato, o pensamento, tudo enfim que tenha a ver comigo, sempre em direção do que ainda está para ser determinado. Como ele mesmo diz, ou melhor, escreve,

a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre ele – não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não designa meramente um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa, por sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode deixar de ser entonada, porque a entonação existe pelo simples fato de ser pronunciada), minha atitude valorativa em direção do objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele, e, desse

modo, coloca-o em direção do que ainda está para ser determinado nele, torna-se um momento constituinte do evento vivo em processo.⁸⁹

Outro aspecto que emerge se refere à relação entre valor e dever-ser, discussão na qual estão entrelaçadas as dimensões ético-morais (responsabilidade ou não-álibi) e a noção de ato-evento.

Um ato ou ação responsável é precisamente aquele ato realizado sob a base de um reconhecimento da minha obrigatória (dever-ser) unicidade. É essa afirmação do meu não-álibi no Ser que constitui a base da minha vida sendo tanto real e necessariamente dada como também sendo real e necessariamente projetada como algo-ainda-por-ser-alcançado. É apenas o meu não-álibi no Ser que transforma uma possibilidade vazia em um ato ou ação responsável e real (através de uma referência emocional-volitiva a mim mesmo como aquele que é ativo).

Hessen aponta que as opiniões divergem bastante nessa relação valor e dever-ser, por exemplo entre Max Scheler e Hartmann, mas é direto ao afirmar que “a idéia dum dever-ser abstrato, como que pairando no ar, representada, como se sabe pela filosofia neokantiana”⁹⁰ é repudiada pela corrente fenomenológica, e como brevemente acima exposto, também por Bakhtin.

Voltando mais detidamente para o pensamento bakhtiniano, faz-se necessário destacar o tópico que interessa neste trabalho, porém dentro da trama muito bem amarrada de vários elementos de seu interesse em PFA: descrever o mundo do ato realizado, concreto, real, único e unitário, irrepetível, em momentos “fundamentais/centrais” (do eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro) que atraem e concentram “todos os valores da vida e cultura reais”: “valores científicos, valores estéticos, valores políticos (incluindo tanto os éticos como sociais), [...] valores religiosos, [...] valores espácio-temporais e [...] valores de conteúdo”⁹¹.

Com isso queremos deixar claro que a axiologia não surge como item principal nem isolado em PFA, mas obedecendo ao programa de trabalho mais amplo ali esboçado:

A primeira parte do nosso estudo será devotada ao exame [dos] momentos fundamentais na arquitetura do mundo real do ato realizado ou ação – o mundo realmente experimentado, e não o mundo meramente pensável. A segunda parte será devotada à atividade estética como um ato ou ação

⁸⁹ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 50

⁹⁰ Ibid., p. 84

⁹¹ Ibid., pp. 71-2

realmente realizado, tanto de dentro de seu produto quanto do ponto de vista do autor como um participante responsável e [...] à ética da criação artística. A terceira parte será devotada à ética da política, e a quarta e última parte à religião.⁹²

Quanto a essa grande empreitada⁹³, Sobral⁹⁴ aponta que a primeira parte está registrada em PFA; a segunda desenvolvida em trechos de AH e “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação verbal”; dispersa em vários textos encontra-se a terceira parte e, por fim a última, com alguns elementos igualmente encontrados em AH e A.

Em PFA, a questão axiológica se enreda com as idéias em torno da tentativa de superação do abismo entre o mundo real (da vida) e o mundo teórico (“meramente pensável”), união fundada na unicidade do ato-evento e na responsabilidade do Ser-evento; em torno da relação entre o singular e o universal, entre o processo e o conteúdo que representa esse processo, e, entre o eu e o outro. De maneira bastante mais elaborada, em torno daquilo que seriam as bases do ato-atividade-evento-ação⁹⁵ e da “filosofia humana do processo”⁹⁶ para Sobral; da “filosofia do ato/ação responsável”⁹⁷ e da revolução pela alteridade ou “filosofia do outro”⁹⁸ para Ponzio; de uma “filosofia moral”⁹⁹ para Amorim, de uma “*prima philosophia*”¹⁰⁰ para Faraco e de uma “*filosofía del acto ético*” para Bubnova¹⁰¹.

O objetivo nesse espaço, portanto, é apresentar e realçar que a arquitetônica do mundo do valor em PFA é componente de uma rede de conceitos capitais, bem como situá-la como uma parcela dentro do empreendimento bakhtiniano mais amplo desenvolvido de

⁹² BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 72

⁹³ Ou “programa de investigação” ou “projeto de uma obra que se cumpriu quase que por inteiro” ou “projeto de um estudo teórico mais amplo”, propostos por Sobral (2007c: p. 105), Amorim (2009a: p. 19) e Sobral (2007a: p. 17), respectivamente.

⁹⁴ SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007a [2005], p. 17; SOBRAL, A. O ato “responsável”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/1, jul. 2008, p. 221

⁹⁵ SOBRAL, 2007a: pp. 11-36

⁹⁶ SOBRAL (2007c: p. 138; 2007b: p. 105; 2009: p. 124)

⁹⁷ PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*.

Coordenação da tradução de Valdemir Miotello. SP: Contexto, 2008. p. 35, 45, 46, 47, 236 e 238 entre outras ocorrências

⁹⁸ *Ibid.*, p. 255

⁹⁹ AMORIM, 2009a: p. 18

¹⁰⁰ FARACO, 2006a: pp. 17-24

¹⁰¹ BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido y diálogo en Bajtín. *Acta Poetica* 27 (1) p. 104. 2006. Disponível em: <http://132.248.101.214/html-docs/acta-poetica/27-1/97-114.pdf>. Acesso em: 10-08-2009.

um modo ou de outro ao longo de uma vida inteira e consubstanciado no conjunto de sua obra.

A tabela a seguir contendo alguns termos que se entrecruzam em PFA oferece de forma panorâmica uma visão desse ambiente... e traz consigo alguns incômodos.

A (Defendido)	B (Questionado/refutado)
Tom emocional-volitivo ¹⁰² ; valor real ¹⁰³ , concreto ¹⁰⁴ , afirmado ¹⁰⁵ , experimentado, reconhecido; entonação; atitude valorativa	Indiferença ao valor; valores-em-si; valores universais, teóricos, culturais, possíveis, auto-equivalentes em si mesmos
Não-álibi; responsabilidade; dever	Álibi; “como se” kantiano
Arquitetônica	Sistema
Ser-evento; ser em processo, único, unitário, real, essencial, ativo, não-indiferente, participante; consciência participativa (não indiferente)	Ser possível, indiferente, bruto, desencarnado, teórico; impostor ou fingidor; válido em si;
Ato vivido	Ato representado
Pensamento participativo, que age	Pensamento indiferente, teórico, abstrato;
Mundo da realidade inescapável ¹⁰⁶ , realmente experimentado, concreto, da vida, experimentado pela ação ¹⁰⁷	Mundo da possibilidade contingente ¹⁰⁸ , meramente pensável, teórico (cultural e estético), representado no discurso ¹⁰⁹
Normas e dever enraizados	Normas e dever não-enraizados, flutuantes
Interconexão essencial entre conteúdo-avaliação	Interconexão não-essencial ou fortuita entre conteúdo-avaliação
Versão definitiva; assinatura; fidelidade	Versão rascunhada, grosseira
Unicidade, singularidade	Unidade

¹⁰² Trinta e três ocorrências em PFA, nas páginas: 46, 50, 51(5x), 52(3x), 53(2x), 54 (4x) , 55(2x) , 56 , 59 , 61, 67, 79, 82 , 85(5x) , 86 , 88(2x), 92

¹⁰³ Cinco ocorrências em PFA

¹⁰⁴ Em PFA, encontra-se “valor concreto” por exemplo nas páginas 80 e 82

¹⁰⁵ P. 48 e 51 entre outras em PFA

¹⁰⁶ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 62

¹⁰⁷ HOLQUIST, 1993: p. 5

¹⁰⁸ BAKHTIN, op. cit., p. 62

¹⁰⁹ HOLQUIST, op. cit., p. 5

Grosso modo, o que está na coluna “A” é defendido por Bakhtin, ao passo que o que está na coluna “B” é questionado e/ou refutado por ele. Os incômodos residem nesta proposta de universos que se entrecruzam e, sobretudo, porque parece que dependendo da maneira como esse pano de fundo é abordado (ênfase em algumas noções e apagamento de outras tanto isoladamente quanto no conjunto de qualquer uma das duas colunas), haverá reflexos diretos sobre o entendimento da ótica valorativa em PFA.

Em uma primeira situação, assim como quer Bakhtin, as noções da *coluna A* são pertinentes, tendo como possível consequência a criação de uma ponte que uniria o mundo do ato com o mundo da representação desse ato. Neste caso, o que por três vezes Bakhtin julgou “sem esperança”¹¹⁰ seria alcançado e, talvez, a componente valorativa integrada à noção de responsabilidade pudesse ser vista como um dos (ou “o”) elemento que permitiria tal conexão bem como a manutenção desse liame.

As reflexões que Amorim (2006, 2007, 2009a e 2009b) tem apresentado quanto à questão ética em Bakhtin poderão contribuir no adentramento dessa temática, entre outros aspectos porque na sua opinião o “pensamento somente adquire sentido quando eu o assumo e o valoro” e “o sentido de um pensamento é a sua entonação”¹¹¹. Também contribuem as reflexões de Ponzio, por exemplo ao defender que

Na visão de Bakhtin, a não-indiferença da ação responsável estabelece uma conexão entre cultura e vida, entre consciência cultural e consciência da vida. Quando não é esse o caso, os valores culturais, cognitivos, científicos, estéticos e políticos se elevam ao status de valores-em-si e perdem todas as possibilidades de verificação, funcionalidade e transformação.¹¹²

Na mesma linha optando pelas noções do bloco apresentado na primeira coluna redimensionando o papel da ética na obra bakhtiniana, ainda que cada qual ao seu modo, inserem-se também Bubnova (2006), Miotello (2008 e 2009) e Sobral (2007c, 2008, 2009), indicando um movimento relativamente recente de aproximações entre esses estudiosos.

¹¹⁰ “Todas as tentativas de superar – de dentro da cognição teórica – o dualismo da cognição e da vida, o dualismo do pensamento e da realidade única concreta, são totalmente sem esperança”, é o que afirma Bakhtin em PFA nas páginas 25, 30 e 45

¹¹¹ Defesa que Amorim (2009a: p. 24) já havia feito em termos semelhantes alguns anos antes, em Amorim (2007[2003]: 19)

¹¹² Ponzio, 2008: p. 37

Outra situação é admitir como falhos (parcialmente ou completamente) os princípios subjacentes aos termos-conceitos listados na *coluna A*, críticas que os estudiosos simpatizantes do pensamento bakhtiniano não vêm fazendo. Nesse caso, o papel do valor provavelmente seria outro.

Deixo em aberto o enfrentamento dessa dificuldade, prorrogando para o futuro uma pesquisa mais aprofundada da qual se consiga extrair elementos para a elaboração de argumentos sólidos que ultrapassem a simples especulação que conseguimos esboçar nesse momento.

Diferentemente de MFL – que também se caracteriza como uma abordagem filosófica, mas no qual o Círculo conseguiu cumprir o intento de redigir um texto escrito em “uma forma acessível ao grande público”¹¹³ – em PFA esse digamos exercício de tradução ficou por ser realizado. Assim posto, essa tarefa desponta aqui como outra dificuldade cujo enfrentamento frontal também prorrogamos para um trabalho futuro, e que por isso nesse momento pode ser caracterizado como um ponto fraco.

Quanto ao *tom emocional-volitivo*, e conseqüente indagação “do que se trata”, identificamos e reproduzimos duas respostas: uma simplificada e outra expandida. Na primeira, é o “*valor real, afirmado*” ou “o valor realmente afirmado para aquele que pensa [e experimenta]”¹¹⁴. Bakhtin deixa claro que esta noção é empregada tanto no campo da psicologia quanto no da estética, porém ressalta que a maneira como ele a compreende distingue-se do caráter passivo como ela é concebida nessas duas áreas. Para Bakhtin, portanto, o sujeito é ativo nesse gesto de afirmação do valor, como se pode verificar na versão expandida, na qual se explica que este termo designa

precisamente o momento constituído pela minha auto-atividade numa experiência vivida – a experimentação de uma experiência como minha [...] Essa relação da experiência comigo como aquele que é ativo tem um caráter sensual-valorativo e volitivo – realizador – e ao mesmo tempo ela é responsavelmente racional. [...] O momento constituído pela realização de pensamentos, sentimentos, palavras, ações práticas é uma atitude ativamente responsável que eu próprio assumo – uma atitude emocional-volitiva em direção a um estado de coisas em sua inteireza, no contexto na vida real unitária e única.¹¹⁵

¹¹³ BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V.N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1995 [1929], p. 26

¹¹⁴ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 51

¹¹⁵ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: pp. 54-5

Como se vê à medida que apresentamos as idéias de Bakhtin em PFA, este imbricamento valor-ato-responsabilidade é uma constante. Há entretanto nuances e variações, por exemplo, em DVDA e AH. Na primeira, o “tom emocional” é sintetizado como as “avaliações que permeiam a consciência” enquanto na segunda obra, no subitem no qual se discute “o todo espacial do herói”, Bakhtin afirma que

O tom emotivo-volitivo apesar de ser vinculado à palavra e como que fixado à sua imagem fônico-entonacional, não se refere, claro, à palavra, mas ao objeto expresso pela palavra, mesmo que este não se realize, na consciência, na forma de imagem visual; apenas o objeto possibilita pensar o tom emocional, mesmo que este se desenvolva junto com a acústica da palavra.¹¹⁶

Retomando agora o mini-manifesto ou os dois primeiros excertos acima transcritos, a preferência pelo termo “arquitetônica” e conseqüente recusa de “sistema” para tratar dos valores pode ser lido como um forte indício do posicionamento de Bakhtin, positivamente aproximando-se de uns e, pela negativa, afastando-se de outros interlocutores, ao mesmo tempo em que apresenta um resumo do que vinha sendo dito sobre a questão axiológica.

A noção de interação orgânica, de dependência entre os elementos pode ser encontrada nos dois vocábulos. Emergem, porém, diferenças entre eles.

Para o primeiro – sistema – a imobilidade, o que é estático, encerrado e enrijecido, com fechamento. As “tábuas de valores”, como aquelas elaboradas por Ortega Y Gasset, Max Scheler¹¹⁷, H. Münsterberg, Heinrich Rickert e W. Stern¹¹⁸, podem servir de exemplos.

No segundo – arquitetônica – a dinamicidade, o movimento constante e ininterrupto, a abertura, a incompletude. Nas palavras de Bakhtin¹¹⁹ em *Apontamentos*, “nível superior da unidade orgânica”, esclarecendo brevemente em seguida que se trata de “uma unidade aberta, em evolução, não determinada nem predeterminada, capaz de se perder ou de se renovar, transcendendo a si mesma (ultrapassando seus próprios

¹¹⁶ Id. O autor e o herói. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [1920-24] p. 108

¹¹⁷ Max Scheler nasceu em Munique em 1872 e morreu em Frankfurt em 1928. Em sua obra *Ética Material dos Valores* estabelece uma discussão em torno dos valores fundando, para alguns, a mais importante doutrina da axiologia de nosso tempo.

¹¹⁸ Estes três últimos autores têm suas tábuas de valores reproduzidas em Hessen, pp. 105-128.

¹¹⁹ BAKHTIN, 1992 [1970-71]: p. 374

limites)”. A explicação do significado do termo arquitetônica – quer seja no campo da arquitetura, da música, ou da filosofia – transposto para o caso de Bakhtin, segundo Sobral¹²⁰, também nos auxilia: “*processo de formação de totalidades, ou todo harmônico*, a partir de uma articulação de partes constituintes que as dota de uma unidade de sentido, em vez de limitar-se a ligá-las ou justapô-las mecanicamente.” Em PFA, Bakhtin não restringe a aplicação dessa noção apenas à perspectiva valorativa, mas a estende a vários domínios e a emprega com muita frequência¹²¹. Já no prefácio de AH, Todorov, a traduz no campo da pesquisa estética como “unidade”, “coerência” e “construção, ou a estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo”¹²². Essa visão “estruturalizante” de Todorov está longe do prisma de Amorim, para quem “a arquitetônica de uma obra (de pensamento ou de estética) remete à questão dos valores e se inscreve, portanto, no âmbito ético e moral”, além do que “o emotivo-volitivo na obra do autor deve ser buscado na arquitetônica da obra, e não em sua biografia”¹²³.

Por fim, “sistema” associa-se aos valores enquadrados como não mais do que um inventário de itens, como conceitos puros, abstratos, teorizados, que se encontram em relações do tipo lógicas em decorrência do estabelecimento de hierarquias. “Arquitetônica” (valorativa concreta) está em associação com os valores compreendidos como algo real, concreto, experimentado pelos sujeitos.

Continuando a estratégia de retomar por partes, foi dito acima que o intuito de Bakhtin em PFA é elaborar “uma representação, uma descrição da arquitetônica real, concreta, do mundo dos valores experimentados”. Fica explícita, portanto, sua preferência pelo “mundo dos valores”. Implícita então é a sua reação às correntes que deixam parcial ou totalmente de lado a dimensão axiológica.

¹²⁰ SOBRAL, 2007b: p. 109

¹²¹ Algumas variações e/ou combinações do termo “arquitetônica” e seus empregos em PFA: arquitetônica do Ser-evento, na página 29; apenas “arquitetônica”, p. 72, 80, 81, 82, 84, 88, 89, 90; valorativa (concreta), p. 79, 81; arquitetônica (real) (concreta) do mundo (dos valores) (realmente) experimentado, p. 71, 75, 78; do mundo real do ato realizado ou ação, p. 72; do mundo de Dante e do mundo do teatro dos mistérios medievais, p. 72; “estrutura arquitetônica do mundo-evento real”, p. 79; (evento) (inteira) (concreta) (do mundo) (unitária) da visão (estética), p. 79, 80, 81, 83, 84, 90; da visão de mundo do poema, p. 84, 89; do contemplador, p. 84; concreta do evento, p. 90; espacial e temporal, p. 84; real do mundo realmente experimentado da vida, p. 91; arquitetônica-evento, p. 81 e nota 152 p. 107.

¹²² TODOROV, Tzevetan. Prefácio. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 5

¹²³ AMORIM, 2009a: p. 32

É o caso, por exemplo, do positivismo, que “estabeleceu distinção muito clara entre valor e fato”, pois somente este último é objeto de estudo dentro dessa concepção de ciência. “Os valores, como não eram “dados brutos” e apenas expressões culturais, ficavam fora do interesse do pesquisador positivista, nunca podiam constituir-se num conhecimento científico”, afirma Triviños¹²⁴ em análise específica voltada para as discussões epistemológicas, porém aceita como resultado de uma “lei” geral positivista.

É no contexto de uma “crise do paradigma positivista de fechamento dos objetos em ciências humanas e sociais, de acordo com o modelo das ciências exatas e naturais, crise onipresente no mundo intelectual desde o primeiro terço do século vinte em toda Europa”, que interessa aqui destacar a análise de Patrick Sériot¹²⁵, a de que é “[...] em virtude de um desmoronamento dos valores do positivismo que se assiste, por mais paradoxal que seja, falar de valores em relação a uma ideologia que os ignora de forma tão manifesta”. E ele continua explicitando: “Estes ‘valores’, que repousam sobre a idéia de que a lingüística é uma ciência natural, são pouco a pouco substituídos por aqueles de uma corrente sociológica, que tem como *slogan* ser a língua um ‘fato social’”. Análise importante porque estabelece uma ligação entre valor e linguagem situando a produção bakhtiniana na atmosfera europeia do início do século XX.

Já Hessen contribui também nesse ponto ao trilhar um percurso filosófico que passa pelas distinções entre “tal coisa *tem* valor / é um valor”¹²⁶; entre “juízo de valor / de existência / de essência”¹²⁷; entre “ser / existência”¹²⁸; entre “valor / ser”¹²⁹, para chegar à separação entre Realidade e Valor bem como na distinção entre “ciências do ser” e “ciências dos valores”¹³⁰, segundo ele no enfoque da “Filosofia dos valores dos nossos dias”. Assim, as ciências naturais fazem parte do primeiro grupo, pois

ocupam-se dos seres, daquilo que é, para focarem exclusivamente a estrutura do objeto, e cifram-se em meros juízos de existência [...] o seu ponto de vista é inteiramente estranho a valores [...] averiguam os fatos e procuram compreendê-los por meio da sua explicação causal. Não tomam posição, não valoram.

¹²⁴ TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. SP: Atlas, 1987, p. 39

¹²⁵ SÉRIOT, 2005: p. 60 e p. 63

¹²⁶ HESSEN, 1967[1936]: p. 41

¹²⁷ *Ibid.*, p. 43

¹²⁸ *Ibid.*, pp. 43-44

¹²⁹ *Ibid.*, p. 44

¹³⁰ *Ibid.*, pp. 44-47

Continuando com o primeiro trecho citado, algumas perguntas emergem para o “mundo dos valores experimentados”: quais valores? “experimentados”? por quem?...

Relembrando o que já foi dito acima, todos os valores: científicos, estéticos, políticos, éticos, sociais, religiosos, etc. Nesse ponto, Bakhtin se aproxima de todos os axiologistas que operam com os inúmeros tipos de valores surgidos, desaparecidos e reavaliados ao longo da história da humanidade.

Agora o que se entende por valor “experimentado” (e “válido”) responde tanto à pergunta quanto marca uma parcela da reação de distanciamento de Bakhtin frente aos axiologistas e pensadores teóricos, além de estabelecer conexão com a noção de ato e com a concepção de sujeito ativo e responsável. Vejamos:

“Valor experimentado” porque fez parte da experiência de um sujeito, porque experimentado como algo dado e como algo-ainda-a-ser-determinado. É o valor que decorre de um “experimentar ativo de uma experiência” e de um “pensar ativo de um pensamento” porque “significa não estar de modo algum indiferente”. Vem em conjunto com “real, concreto” reforçando o peso da experiência. A ênfase recai, concomitantemente, no caráter de validade ou afirmação pelo Ser-evento único,

quando eu participo unicamente no único ser de um modo emocional-volitivo, afirmado. Na medida em que eu afirme meu lugar próprio e único no Ser unitário da humanidade histórica, na medida em que eu sou seu não álibi, isto é, mantenho uma relação emocional-volitiva ativa com relação a ele, eu assumo uma posição emocional-volitiva em relação aos valores que ele reconhece.¹³¹

A Bakhtin não interessa listar os valores nem tampouco sistematizá-los definindo um valor superior e outros inferiores, mais altos, mais baixos, condicionados, a partir de um critério qualquer com conseqüente hierarquização e relativização dos demais, como se vê abaixo:

A centralidade da minha participação única no Ser, dentro da arquitetônica do mundo realmente experimentado, não consiste na centralidade de um valor positivo para o qual tudo o mais no mundo seria apenas um fator auxiliar. Eu-para-mim constitui o centro do qual surge ou flui meu ato realizado e minha auto-atividade de afirmar e reconhecer qualquer valor, porque esse é o único ponto em que eu participo responsabilmente no Ser único; [...] Este não é um valor

¹³¹ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 65

vital supremo que sistematicamente estabeleça todos os outros valores como valores relativos, como valores condicionados por ele.¹³²

O exercício de abstração, generalização, universalização e de teorização desenraiza, no caso, o valor, mas também desenraiza o ato colocando-os em posição menos importante. Esta é uma das reações de Bakhtin em PFA à tendência da filosofia moderna, para a qual o valor “é transcrito teoricamente, isto é, concebido ou como o conteúdo idêntico de valores possíveis, ou como o princípio constante, idêntico de avaliação, isto é, uma certa estabilidade no conteúdo de um valor ou avaliação possível”¹³³, e o fato do ato realizado conseqüentemente é colocado em segundo plano.

Desviando para outras áreas do conhecimento humano e logo em seguida em direção às discussões no campo da linguagem, parece relevante comentar brevemente as apropriações da noção de valor econômico reelaboradas explorando também as propriedades abstratas. O exemplo mais evidente desse fenômeno é a elaboração da concepção de língua como “sistema de valores puros”¹³⁴ calcada na noção de valor lingüístico, resultado da assunção do princípio geral de dessemelhança/troca-semelhança/comparação proposta no curso de lingüística de Saussure.

Há uma passagem em PFA em que Bakhtin se vale das expressões “juízo de valor” e “avaliação” para deixar bem demarcada a diferença entre como a questão do valor pode ser compreendida como abstração – associada ao primeiro termo e que ele rejeita – ou como ação efetiva, no segundo e por ele defendido. Vejamos:

Nós não estamos falando aqui do juízo de valor abstrato de uma consciência teórica desencarnada, que conheça apenas o valor de conteúdo-sentido de qualquer indivíduo, qualquer ser humano. Uma consciência dessa espécie é incapaz de engendrar uma ação concreta que seja não fortuitamente única; ela pode gerar apenas um julgamento de valor sobre uma ação *post factum*, como um exemplar de uma ação. Nós estamos falando de uma avaliação concreta, efetiva, por uma consciência que age, de uma avaliação como um ato realizado ou ação, que procura sua justificativa não num sistema, mas numa atualidade para sempre irrepitível.¹³⁵

¹³² BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 78

¹³³ Ibid., p. 56

¹³⁴ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973 [1916], p. 13

¹³⁵ BAKHTIN, op. Cit., p. 91

Considerando o que já foi exposto até aqui, vislumbra-se o sujeito concreto, único e do não-álibi preferido por Bakhtin, no lugar do sujeito universal, geral e indiferente por ele preterido. Em suas palavras,

Não existe o “homem-em-geral”; eu existo, e um outro particular concreto existe – meu íntimo, meu contemporâneo (humanidade social), o passado e o futuro de seres humanos reais (da humanidade histórica real). Todos esses são momentos valorativos do Ser que são válidos individualmente e não universalizam ou generalizam o único Ser, e se revelam para mim do meu único lugar no Ser como as bases do meu não-álibi no Ser.¹³⁶

Penso ser pertinente afirmar que a própria posição de Hessen resume e representa o conjunto de axiologistas por ele estudados, ao afirmar que “todos nós valoramos e não podemos deixar de valorar. Não é possível a vida sem proferir constantemente juízos de valor. É da essência do ser humano conhecer e querer, tanto como valorar [...] valoramos as mais diferentes coisas.”¹³⁷ Bakhtin nesse ponto se alinha com todos eles, ou seja, “no conceito de valor está incluído o da sua referência a um sujeito. Valor é sempre valor para alguém”¹³⁸, ou ainda, “não é possível eliminar para fora do conceito de valor, ou destruir, o conceito de uma relação para com um certo sujeito.”¹³⁹

Entretanto, Bakhtin se distancia dessa concepção de “sujeito em geral, um sujeito mais abstrato [...] o gênero homem [...] sujeito supra-individual ou interindividual”¹⁴⁰ sintetizada por Hessen.

No dizer de Sobral¹⁴¹ “o valor do ato é o valor que este tem para o agente, não um valor absoluto que viria impor-se a este último”, e se antecipa a uma possível acusação de “relatividade dos valores”, argumentando que para Bakhtin “o valor é sempre valor para sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação”. Vai mais longe ao defender que com isso, ou seja, “a avaliação como aspecto arquitetônico do ato, e o caráter situado e participativo do sujeito”, Bakhtin transcende “as filosofias da ação e do processo”, chega mesmo a afirmar que a concepção de sujeito “situado” e “relacional” somada

¹³⁶ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 65

¹³⁷ HESSEN, 1967[1936]: p. 40

¹³⁸ Ibid., p. 47

¹³⁹ Ibid., p. 48

¹⁴⁰ Ibid., p. 49

¹⁴¹ SOBRAL, 2007a: p. 22

com a introdução “do elemento de valoração da parte do sujeito”¹⁴² provocam uma “verdadeira revolução das filosofias da vida e do processo”.

Apoiada ainda nas análises de Sobral¹⁴³, vale aproveitar e explicitar que a “teoria do valor” do Círculo (notadamente para Voloshinov) está em interlocução com o pensamento marxista, por exemplo, quando em ambos se postula que a valoração é “inerente a todo ato humano” e a “produção de valor” ocorre na troca e intercâmbio entre sujeitos. Um distanciamento assenta-se no ponto em que o Círculo traz a problemática do valor “para os atos concretos de sujeitos concretos identificáveis, o que não estava na ordem das preocupações de Marx.”

Pelo exposto acima, fica parcialmente respondido “quem” valora: o ser humano concreto, real, o Ser-evento único, unitário, essencial, ativo, participante. O que apenas lembramos, entretanto, como a tabela acima deixa entrever, é que esses atributos defendidos por Bakhtin, ou, de outra forma, essas características que definem o Ser-evento para ele, podem não se aplicar a todos os seres humanos, como ele próprio identifica quando admite a existência de “ser indiferente que não está enraizado em nada”¹⁴⁴, “ser possível”¹⁴⁵, “bruto”¹⁴⁶, “impostor”¹⁴⁷, “fingidor”¹⁴⁸, “válido em si”¹⁴⁹, “desencarnado”¹⁵⁰, “teórico”¹⁵¹.

Dando continuidade, “não com uma fundação analítica à frente, mas com aquele centro real, concreto, tanto espacial quanto temporal, do qual surgem avaliações”. Bakhtin deseja abordar a arquitetônica valorativa da mesma maneira como intenta abordar a arquitetônica do mundo real: sem uma “fundação analítica à frente”, sem apriorismo e sem modelos que ao universalizarem e generalizarem perdem a unicidade do Ser-evento e do ato-evento.

¹⁴² SOBRAL, 2007b: p. 138

¹⁴³ Id., 2007a: p. 20

¹⁴⁴ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p.61

¹⁴⁵ Ibid., p.33

¹⁴⁶ Ibid., p.73

¹⁴⁷ Ibid., p.67 e 70

¹⁴⁸ Ibid., p. 70

¹⁴⁹ Ibid., p. 60 e 61

¹⁵⁰ Ibid., p. 66

¹⁵¹ Ibid., p. 26 e 27

Esse ser humano concreto, esse eu-para-mim responsabilmente afirmará e reconhecerá os valores, “único ponto em que eu participo responsabilmente no Ser único”, em acordo com citação anterior e evidenciando uma vez mais o caráter moral, ético e de dever do sujeito a partir da categoria da responsabilidade. O que não deixa de ser mais uma reação-resposta de Bakhtin ao positivismo, como apontado por Costa¹⁵², pois “a maior falha do positivismo consiste em diminuir o ser humano à condição estrita de ser da natureza.”

Muito embora Bakhtin tente se afastar de qualquer tipo de hierarquização dos valores dentro de um sistema, na segunda parte de sua “declaração de propósitos”, acima transcrita, reafirma sinteticamente o que para ele é o “valor fundamental – minha participação no Ser”. Assim, ato e Ser são duas noções centrais que se integram em sua arquitetônica.

Mas é preciso considerar o que “parece bem claro” para Faraco em relação ao conjunto de textos do Círculo (o que pode e deve ser lido também como um desdobramento do valor na linguagem): “ ‘o valor superior e supremo’ para Bakhtin era a heteroglossia e sua dialogização infinda; ou, em outros termos, a pluralidade dialogizada das vozes e, neste meio heterogêneo, a resistência a qualquer processo centrípeto, monologizador”, o que está intimamente ligado ao que Faraco traduziu como “grande utopia” ou “impulso utópico” bakhtiniano¹⁵³.

Nas duas últimas páginas de PFA, ao cotejar as arquitetônicas da visão estética e do mundo concreto, Bakhtin faz uma série de afirmações ao modo de um acabamento temporário. Mas antes de passarmos a ela, cabe aqui uma pausa para reunir alguns comentários em torno do termo *centro de valor*.

Centro de valor é o lugar único ativo do Ser que age participativa e responsabilmente em relação ao mundo experimentado concretamente. Encontra-se em oposição a idéia de um centro geométrico abstrato constituído de relações ou momentos (espácio-temporal, tom emocional-volitivo e significados) possíveis, imagináveis e universais. Além disso, para Bakhtin

¹⁵² COSTA, Iná Camargo. O Marxismo neo-kantiano do primeiro Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 297

¹⁵³ FARACO, 2006a: p. 72

o mundo se dispõe em torno de um centro valorativo concreto [...] O que constitui esse centro é o ser humano: tudo nesse mundo adquire significância, sentido e valor apenas em correlação com o homem – como aquilo que é humano. Todo Ser possível e todo significado possível se dispõe em torno do ser humano como o único centro e o único valor; tudo [...] deve ser correlacionado com o ser humano, deve se tornar humano.¹⁵⁴

Retomando, então com a primeira das afirmações da série, “o valor concretamente afirmado de um ser humano e o meu próprio valor-para-mim são radicalmente diferentes”, seguido de outra, a de que “a vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: *eu* e o *outro*”. Correlação não significa que haja fusão entre eles nem que um dos centros prevaleça sobre outro centro; contraposição é o termo empregado por Bakhtin. Na terceira, explicando mais um pouco como a arquitetônica valorativa se organiza, “é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam”. Por fim, culminando com a elaboração do “mais alto princípio arquitetônico do mundo real do ato realizado ou ação: a contraposição concreta e arquitetonicamente válida ou operativa entre *eu* e o *outro*.”

Em capítulo no qual discute “filosofia moral e filosofia da literatura”, Ponzio defende entre outros pontos importantes que a arquitetônica que Bakhtin pretende analisar com sua filosofia moral ou primeira contida em PFA

está pronta na literatura: a alteridade do centro de valor de sua arquitetônica é considerada a partir de um ponto de vista transgrediente e extralocalizado, que é, por sua vez, o ponto de vista do um e do outro. Essa é a relação entre o autor e o herói na esfera do texto literário.¹⁵⁵

Para o objetivo deste trabalho e alinhando-me não só a Ponzio, mas também a Tezza¹⁵⁶ em artigo no qual se propõe um roteiro de leitura de AH, merece atenção o último capítulo (O problema do autor), onde Bakhtin se manifesta reafirmando a “ótica axiológica”. Nesta ótica axiológica, ratifica-se que o homem é visto como centro de valor. Além disso,

no plano dos valores há uma diferença fundamental entre eu e o outro, uma diferença de caráter de acontecimento: fora dessa distinção, nenhum ato poderia ter seu peso de valores. O eu e o outro constituem as categorias fundamentais de valores que pela primeira vez originam um juízo de valor real, e esse juízo,

¹⁵⁴ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 79

¹⁵⁵ PONZIO, 2008: p. 41

¹⁵⁶ TEZZA, C. Sobre O autor e o herói: um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007 [1996], p. 231-56

ou, mais exatamente, a ótica axiológica da consciência, manifesta-se não só pelo ato, mas também pela menor vivência, pela mais simples sensação.¹⁵⁷

Na seqüência da recapitulação feita por Bakhtin, ele fala da “descrição fenomenológica da consciência dos valores”, chegando à “idéia de que apenas o outro, como tal, pode ser o centro de valores da visão artística e, por conseguinte, ser o herói de uma obra” porque “a relação de valor consigo mesmo é esteticamente improdutiva, e, para mim, sou esteticamente irreal.” Por fim, para ele “em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria de valores do *outro*, uma relação com o outro enriquecida do excedente de valores inerente à visão exotópica que tenho do outro e que permite assegurar-lhe acabamento.”¹⁵⁸

Ainda é Tezza que explicita enfatizando que para (o “herético”!!!) Bakhtin é o contexto de valores que preside a realização da criação artística (verbal) – e não o conteúdo, a forma e o material esclerosados e em si mesmos, desprovidos de vida – levando-o a propor “uma estilística que, em vez de trabalhar com as palavras, trabalhe com os valores do mundo e da vida.” Fundamental para Tezza também é lembrar que

As afirmações bakhtinianas [...] só têm o seu sentido verdadeiramente iluminado se nos remetemos ao seu ponto de partida, à sua linguagem, ao seu conceito de signo e de enunciado; e só entendemos o que ele quer dizer por ‘valor’, percebendo a natureza e a intensidade do processo eu-outro, da relação espaço-tempo-sentido, no mundo de Bakhtin.¹⁵⁹

Na opinião de Faraco, que se fundamentou não apenas em PFA, mas também nas demais obras do Círculo, a reposição da contraposição dos dois centros de valor bem como a investigação da essencialidade dessa “contraposição axiológica eu/outro” foi “o grande projeto intelectual”¹⁶⁰ bakhtiniano. Mas ele também explicita que “as relações um/outrem (a *interação*, portanto)” nos primeiros textos “é uma espécie de metafísica da interação”, “ainda sem a intervenção substancial e constitutiva da linguagem”. Somente a partir de 1926, é que se dá a “virada lingüística” do Círculo, quando então os “enunciadores não são vistos como seres empíricos, mas como um complexo de posições sociais avaliativas”¹⁶¹.

¹⁵⁷ BAKHTIN, 1992 [1920-24]: pp. 201-2

¹⁵⁸ Ibid., p. 203

¹⁵⁹ TEZZA, 2007: P. 255

¹⁶⁰ BAKHTIN, op. Cit., p. 23

¹⁶¹ FARACO, 2006a: p. 71

Na articulação que faz das dimensões ética, estética e epistemológica em Bakhtin, Amorim chega à conclusão – aqui incorporada – de que “há algo comum em todos os momentos do pensamento bakhtiniano: o ético e a questão do valor se dão sempre no lugar do acontecimento, do singular e irrepitível, o que equivale a dizer, no âmbito do concreto e do histórico.”¹⁶²

Tudo isto exposto, não se pode afirmar que em Bakhtin se evidencia uma “teoria do valor”, se por essa expressão se entender o estudo da natureza e da essência do valor, da sua variedade de aspectos, da sua relatividade, da sua origem, de suas características gerais (gradatividade, hierarquia, oposição, etc.), e da avaliação de seus critérios. Se essa mesma expressão significar uma investigação psicológica dos valores, também não é pertinente empregá-la em relação a Bakhtin.

Parece-nos, então, que nem teoria, nem sistema, nem filosofia dos valores, mas sim uma “arquitetônica valorativa concreta”, cujas características tentamos registrar nesse capítulo.

A contribuição de Faraco mais uma vez se faz presente ao encerrarmos este capítulo, deixando como ligação para o próximo que “o componente axiológico intrínseco ao existir humano” é um dos três eixos na concepção de linguagem do Círculo, juntamente com “a questão da unicidade e eventicidade do Ser” e “o tema da contraposição *eu/outro*”¹⁶³. Ratifica essa idéia de uma das três grandes coordenadas em PFA, “a perspectiva da refração avaliativa de nossas relações com o mundo”, explicitando-a como o “fundamento da futura concepção da linguagem [...] estratificada axiologicamente e do conceitual da heteroglossia, isto é, da multiplicidade das vozes ou línguas sociais”¹⁶⁴. Faraco chega mesmo a reafirmar essa análise abrangendo não só a concepção de linguagem, mas o “pensamento”¹⁶⁵ bakhtiniano.

¹⁶² AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemologia. In: FREITAS, M. T., JOBIM e SOUZA, S., KRAMER, S. (Org.) *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikahil Bakhtin*. SP: Cortez, 2007 [2003] (Coleção questões da nossa época: v. 107) p. 18

¹⁶³ FARACO, 2006a: p. 19 e 23

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 89

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 23

O próximo passo então é, considerando essas primeiras reflexões, partir para outras averiguando os indícios aqui identificados e desvelando os demais possíveis desdobramentos dessa ótica do valor na linguagem para Bakhtin.

3. Valor e linguagem

Na busca da natureza do valor para o Círculo, no capítulo anterior foi apresentada sua vertente de cunho mais filosófico, pautada principalmente em PFA. Neste capítulo, procura-se refletir sobre os desdobramentos dessa dimensão axiológica na linguagem.

Como exposto na introdução, identificou-se inicialmente um aglomerado de termos-conceitos estreitamente ligados à questão axiológica: entonação, tom emocional-volitivo, centro de valor, tom, tonalidade, índice social de valor, entonação expressiva, apreciação, acento – apreciativo, avaliativo ou de valor –, posicionamento valorativo, julgamento de valor e avaliação. Entretanto, mostrou-se problemática uma separação bem demarcada entre eles, impedindo assim que se dedicasse, por exemplo, um sub-capítulo para cada um. Até mesmo uma conceituação precisa ou definição, sem que ocorressem referências cruzadas entre eles, mostrou-se imprudente.

Parece-nos, entretanto, que tal característica é mais uma virtude do que uma falha da teoria de Bakhtin considerando que ele insiste em retomar as suas idéias, sempre revendo o que disse, avançando em um ponto em determinado momento, abandonando outro para lá na frente apresentá-lo de novo com outras nuances, ainda que isso o leve ora a empregar um vocábulo, ora outra expressão sem necessariamente se preocupar em definir milimetricamente a extensão e o domínio de cada um deles. No final, parece-nos que essa, digamos, flutuação não é tão fluida assim, levando em conta que na totalidade se evidencia um pensamento teoricamente consistente.

Assim, optamos por um recorte basicamente, mas não exclusivamente, que opera com esses termos por bloco de obras, o que determina a organização dos três primeiros sub-capítulos: no primeiro, serão contemplados mais de perto os escritos de DVDA, MFL e GD tendo a entonação como carro-chefe. No segundo, a relação signo-ideologia-valor, além do índice social de valor em MFL. Axiologia e relações dialógicas principalmente em PPD, terceiro sub-capítulo; e, por último, alguns comentários esparsos.

3.1. Ento(n)ação (ou: o valor em DVDA, MFL e GD)

O que se segue é um mosaico por nós desenhado ao perseguir a realização do valor principalmente no encaixe do termo ento(n)ação em DVDA, em MFL e em GD, porém em estreita vinculação com os demais termos-noções que lhe dão um caráter peculiar no pensamento bakhtiniano: avaliação, julgamento de valor, apreciação e posicionamento avaliativo.

Assim, *entonação* para o Círculo contempla (mas não se detém a) a idéia mais comumente conhecida como “variação na altura da voz, durante a fala”¹⁶⁶; ou “tom” entendido como “padrão de altura” da voz; ou como prosódia: “variações de altura, volume, ritmo e tempo (velocidade de emissão) durante a fala” e “diferentes variações do comportamento da voz [física mesmo]”¹⁶⁷. Entonação para Bakhtin engloba – mas não se funda apenas nisso, como veremos adiante – aquilo que Trask define em seu dicionário de linguagem e lingüística como “tom de voz” (ou paralinguagem):

os aspectos não-lingüísticos do falar [...] agudos, graves, ritmo, timbre e qualidade da voz [...] [que] veiculam informações sobre nosso estado de espírito e nossa disposição de momento: se estamos irritados, alegres, nervosos, excitados, impacientes, cansados e assim por diante [...] para indicar respeito, submissão, zombaria, enfado, sentimentos românticos ou sexuais, impaciência e muitas outras coisas [...]¹⁶⁸

A entoação em “Discurso na Vida, Discurso na Arte: sobre poética sociológica” não é abordada como tópico principal, o que se pode observar logo pelo título. O objetivo declarado deste texto é “tentar alcançar um entendimento do enunciado poético” (aspecto no qual aqui não adentraremos) e, para tanto o Círculo propõe um método sociológico que reage- responde ao mesmo tempo à poética histórica, ao método formal (ambos imanentistas) e aos métodos sociológicos historicistas, que postulam a separação entre forma-conteúdo e teoria-história. Pode-se dizer que como parte da defesa de seu método, o Círculo apresenta uma espécie de mini-tratado¹⁶⁹ sobre a entoação, mostrando entre outros aspectos que o discurso na arte está enredado com

¹⁶⁶ TRASK, 2004: p. 91

¹⁶⁷ Ibid., p. 242

¹⁶⁸ Ibid., p. 223

¹⁶⁹ “Estudo minucioso da entoação”, nas palavras de Brait (1994)

o discurso na vida e ela, a entonação, é o chão comum entre eles atuando como “elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal”¹⁷⁰.

Em GD, completando sua teoria dos gêneros do discurso e dentro de uma discussão um pouco mais abrangente sobre expressividade, nas páginas 308 a 318 quase finalizando o texto que vai da página 279 a 326, a entoação é abordada predominantemente como entoação expressiva. Identificamos aí uma possibilidade de classificação: não entoação da palavra isolada ou da língua; entoação do gênero e entoação expressiva individual.

Na organização de MFL – esquematicamente no sumário e sinteticamente no prólogo – há indícios da natureza do valor na linguagem para o Círculo. Considerando que somente o grupo de objetos “valorizados” socialmente dará origem aos signos e que a discussão sobre signo-ideologia é fundamental para a defesa da filosofia da linguagem nascente explicitamente neste texto de 1929, pode-se inferir que o valor está imbricado tanto com as questões de uma filosofia geral quanto com o “problema da natureza real dos fenômenos lingüísticos”¹⁷¹. Ao dedicar um subitem, “apreciação e significação”¹⁷², dentro do capítulo 7, “tema e significação na língua”, aponta-se também para o peso da questão valorativa (apreciativa) na composição das complexas discussões em torno dos sentidos (dimensão semântica), bem como para seu caráter de complementaridade e insubstituíbilidade dentro da concepção bakhtiniana de linguagem.

Portanto, em MFL três aspectos são muito importantes quanto ao enfoque axiológico: o primeiro aborda as discussões em torno da relação entre valor e signo-ideologia; o segundo, o valor como componente do dialogismo, núcleo da concepção de linguagem decorrente da filosofia da linguagem ali proposta (ambos serão tratados mais à frente em sub-capítulos específicos); e terceiro, a entoação expressiva em conjunção com apreciação, acento de valor ou apreciativo, (re)avaliação e julgamento de valor.

Exposta essa visão geral e preliminar de cada uma das três principais obras em pauta, focalizo a atenção agora em determinados aspectos a partir de DVDA, menos porque

¹⁷⁰ BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V.N.). *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica) Tradução, para uso didático, de C. A. Faraco e C. Tezza, 1993 [1926], p. 7

¹⁷¹ BAKHTIN, 1995[1929]: p. 27

¹⁷² *Ibid.*, p. 22

sejam partes estanques e mais pela dificuldade em apresentar tudo ao mesmo tempo com uma certa sistematização.

Bakhtin ali afirma que as avaliações estão na “carne e sangue” de todos os representantes de um dado grupo social e “organizam o comportamento e as ações”¹⁷³. Em outras palavras, “todos os fenômenos que nos cercam estão [...] fundidos com julgamentos de valor” e “ao mesmo tempo em que percebemos a existência do objeto, percebemos seu valor como uma de suas qualidades”¹⁷⁴. E, também, “julgamentos e avaliações referem-se a um certo todo dentro do qual o discurso verbal envolve diretamente um evento na vida, e funde-se com este evento, formando uma unidade indissolúvel.”¹⁷⁵

Para o objetivo deste trabalho, esses recortes são significativos porque é o próprio Bakhtin se traduzindo e “aplicando” (mesmo que parcialmente) no campo da linguagem, em DVDA, o que ele havia apresentado de maneira mais reflexiva em PFA:

Tudo que é realmente experimentado é experimentado como algo dado e como algo-ainda-a-ser-determinado, é entonado, tem um tom emocional-volitivo e entra em relação efetiva comigo dentro da unidade do evento em processo que nos abrange.¹⁷⁶

E ainda: “tudo que tenha a ver comigo me é dado em um tom emocional-volitivo”¹⁷⁷, ou seja, é necessário que o valor seja afirmado, validado por mim.

Fico com a sensação de que estão esmaecidas em DVDA (e nos textos posteriores) duas características distintivas do tom emocional-volitivo em PFA: primeiro, a inter-relação entre valor e ato (“evento” e “auto-atividade” nos trechos acima), pois com este último conceito, Bakhtin define sua opção pela vida verdadeiramente vivida, por cada ato único e irrepetível vivenciado por um sujeito singular, portanto só cabem os valores realmente afirmados por esse sujeito que tudo valora posicionando-se avaliativamente diante do mundo e da vida. Segundo, as noções de responsabilidade e de não-álibi estão embutidas no termo “afirmado”, ou seja, o valor tem importância para Bakhtin se

¹⁷³ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 4

¹⁷⁴ Ibid., p. 6

¹⁷⁵ Ibid., p. 4

¹⁷⁶ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: pp. 50-1

¹⁷⁷ Ibid., p. 51

de fato aquele que o vivencia age com “dever de consciência”, assume, reconhece, afirma e “assina”.

Outro aspecto: “a entoação é social por excelência”¹⁷⁸. As avaliações e julgamentos de valor são sociais. (E também: “o discurso verbal é um evento social”¹⁷⁹ ou ainda “a essência social do discurso verbal”¹⁸⁰; idem para a arte¹⁸¹; “a arte é imanentemente social [...] o estético [...] o jurídico ou o cognitivo, é apenas uma variedade do social”¹⁸²; “a literatura é um fenômeno social”¹⁸³; “a consciência é [...] sobretudo, um fenômeno ideológico, um produto do intercâmbio social”¹⁸⁴).

Diante dessa série de afirmações afins, não há como negar que a perspectiva sociológica é extremamente forte para o Círculo. Entretanto, não tentarei precisar o que os seus membros compreendem por *social*. Considero satisfatório para o intuito desta pesquisa destacar alguns aspectos.

Em DVDA, encontra-se que julgamentos de valor não são “emoções individuais, mas atos sociais regulares e essenciais. Emoções *individuais* podem surgir apenas como *sobretons* acompanhando o tom básico da avaliação social. O ‘eu’ pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do ‘nós’.”¹⁸⁵

As avaliações estão fundadas em um solo comum – e o termo “comum” deve ser compreendido como compartilhado, comungado, em conjunto, em comunhão entre várias pessoas – não são, portanto, de cunho individual ou particular nem são subjetivas ou fundadas na psique, mas se assentam numa base social, contam com um “apoio coral”.

¹⁷⁸ BAKHTIN, 1993[1926]: p. 7

¹⁷⁹ Ibid., p. 9

¹⁸⁰ Ibid., p. 4

¹⁸¹ Ibid., p. 4

¹⁸² Ibid., p. 2

¹⁸³ Ibid., p. 1

¹⁸⁴ Ibid., p. 15

¹⁸⁵ Ibid., p. 6

Em decorrência, “a entoação só pode ser compreendida profundamente quando estamos em contato com os julgamentos de valor presumidos por um dado grupo social, qualquer que seja a extensão deste grupo.”¹⁸⁶.

Não soa estranho, por outro lado, ler em PFA que “qualquer valor universalmente válido só se torna realmente válido em um contexto individual”¹⁸⁷, mesmo considerando que “tanto a cultura como um todo quanto cada pensamento particular, cada produto particular de um ato ou ação viva, estão integrados no contexto único, individual do pensamento real como evento.”¹⁸⁸?

A aparente oposição social-individual pode ser abordada considerando no mínimo que por três vezes¹⁸⁹ também em PFA Bakhtin deixou entrever sua vontade de que fossem criadas futuramente “ciências sociais apropriadas”¹⁹⁰ e “filosoficamente fundadas”¹⁹¹ (certamente que em sua “filosofia moral ou primeira”¹⁹²). Embora ele não tenha desenvolvido tal ciência social, amparou-se nas bases que ali lançou e que justamente essas bases pedem que se reelabore a questão de outra maneira: não se trata da dicotomia social-individual, mas sim da diferença fundamental e essencial, do ponto de vista valorativo, em tratar a relação eu-outro (enraizados, únicos) e em tratar o ser humano universalizado (qualquer ser humano, uma consciência “não-encarnada, destacada, não participante”¹⁹³).

Novamente o que se verifica é a insistência de Bakhtin em superar o mundo teórico com suas possibilidades alcançando o mundo da vida efetivado, bem como conceber o sujeito do não-álibi no lugar do sujeito universal e indiferente.

Bakhtin aborda brevemente essa discussão em OSECH, ratificando que “as entonações mais substanciais e mais estáveis constituem um fundo entonacional determinado por um grupo social (uma nação, uma classe social, uma classe profissional, um meio, etc.)”¹⁹⁴.

¹⁸⁶ BAKHTIN, 1993[1926]: p. 7

¹⁸⁷ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 54

¹⁸⁸ Ibid., p. 53

¹⁸⁹ Bakhtin se refere à elaboração e à importância de uma “ciência social” em PFA nas páginas 23, 40 e 45.

¹⁹⁰ BAKHTIN, 1993 [1920-4]: p. 23

¹⁹¹ Ibid., p. 40

¹⁹² Ibid., p. 45

¹⁹³ Ibid., p. 64

¹⁹⁴ BAKHTIN, 1992 [1974/1940]: p. 409

Aqui, duas contribuições de Faraco. A primeira, analisando principalmente DVDA, ao explicar que “enunciar é tomar uma posição social avaliativa; é posicionar-se frente a outras posições sociais avaliativas, já que falamos sempre numa atmosfera social saturada de valorações”¹⁹⁵.

A segunda quando elabora um cotejo entre Voloshinov e Humboldt mostrando que o primeiro sociologizou a noção de língua como processo/atividade (*energeia*) e como produto (*ergon*) retirada do ideário do último. Este ponto o que de fato nos interessa destacar: o *ergon* de Humboldt “perde o caráter unitário de referência a ‘povo’ ou ‘nação’” e, em Voloshinov, “se mostra socialmente estratificado em diferentes índices sociais de valor, em diferentes horizontes sociais apreciativos; não se trata mais de uma, mas de múltiplas cosmovisões”¹⁹⁶. Mas, como também explicita Faraco, com essa sociologização, Voloshinov manteve “dificuldade para situar em seu quadro teórico a questão do especificamente gramatical”, o que parece foi melhor resolvida por Bakhtin ao propor a divisão entre duas disciplinas.

Ligando o que já foi dito anteriormente com o que virá logo a seguir, vislumbra-se outro aspecto: “Juntamente com os fatores verbais, elas [as avaliações] também abrangem a situação extraverbal do enunciado.”¹⁹⁷ Ao nosso modo, as avaliações podem ser explícitas, veiculadas na superfície da língua e no conteúdo¹⁹⁸, o que interessa ao Círculo, porém merecem atenção também (ou até mais, por terem sido negligenciadas) as avaliações presumidas que podem ou não estarem materialmente verbalizadas, no conjunto formando o todo. E porque um julgamento de valor ou avaliação “encontra sua mais pura expressão na entonação”¹⁹⁹, por conseqüência pode-se reafirmar que esta última é “um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal”²⁰⁰.

Na opinião de Tchougounnikov “a ‘avaliação social’ (M. Bakhtin, Medvedev, Volochinov) é sempre extratextual, reside na entonação, no extratexto. Ela é o que, sendo

¹⁹⁵ FARACO, 2006a: p. 71

¹⁹⁶ Ibid., p. 98

¹⁹⁷ BAKHTIN, 1993[1926]: p. 4

¹⁹⁸ Por exemplo, os “índices de avaliação” descritos por Koch (1997: p. 50) “em geral, expressões adjetivas e formas intensificadoras”

¹⁹⁹ BAKHTIN, op. Cit., pp. 6-7

²⁰⁰ Ibid., p. 7

transmitido do exterior do texto, dá-lhe a 'vida', torna-o 'socialmente ativo', 'dinâmico', 'ideológico', intertextual'.²⁰¹

Encontra-se a mesma discussão envolvendo o papel da entonação na relação entre o verbal e o não-verbal em OSECH: “a expressão emocional dos valores pode não ter um carácter explicitamente verbal e pode estar implícita, manifestar-se pela entonação.”²⁰² Chega-se a cogitar que em certas situações o elemento verbal é até mesmo dispensável, isto é, “em certa medida, pode-se falar apenas por entonação, tornando quase indiferente, relativa e intercambiável, a parte do discurso verbalmente expressa.”²⁰³ Bakhtin alega que “é freqüente o emprego de palavras inúteis em sua significação verbal, ou então a repetição de uma única e mesma palavra, de uma única e mesma frase, que então servem somente de suporte material para a entonação desejada.”²⁰⁴ Mais do que um simples exemplo é transcrito em MFL. Trata-se de Dostoievsky teorizando a partir de um fenômeno da linguagem do dia a dia em torno da situação da mesmíssima “palavrinha censurada de largo uso”²⁰⁵ empregada seis vezes, por seis operários embriagados e que ganhou seis sentidos distintos, tudo isso registrado em *Diário de um Escritor*.

Outro exemplo (também já tornado clássico entre os leitores bakhtinianos) refere-se ao vocábulo “bem” utilizado em DVDA para apresentar os três fatores do “contexto extraverbal”: horizonte espacial; conhecimento e compreensão; avaliação – todos destacadamente *comuns* aos interlocutores, reafirmando o carácter social da entonação.

O escopo maior ou menor tanto do espaço quanto do tempo comuns entre os participantes abrangidos na enunciação pode ser considerado o critério para que haja materialização (ou não) verbal no enunciado, pois ao mesmo tempo estabelece as fronteiras do que é presumido.

²⁰¹ TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. Por uma arqueologia dos conceitos do círculo de Bakhtin: ideologema, signo ideológico, dialogismo. In: ZANDWAIS, Ana (Org.) *Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p. 37

²⁰² BAKHTIN, 1992 [1974/1940]: p. 409

²⁰³ *Ibid.*, p. 409

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 409

²⁰⁵ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 133

Ainda quanto aos valores presumidos, e apoiada em Ponzio²⁰⁶, é possível afirmar que eles não tem caráter “abstrato individual ou privado”, pelo contrário, somente podem ser presumidos os valores que não se limitam à consciência pessoal ou individual, ou seja, que estão nas condições reais de vida e adentraram o horizonte ou a visão da família, do clã, da nação, da classe, podendo abarcar dias, anos e épocas. E também na relação valor-presumido:

O presumido aparece com mais freqüência quando nos encontramos com acontecimentos, experiências, valores, programas de comportamento, conhecimentos e estereótipos que são de domínio público, determinados socialmente. Mais amplo e complexo é o presumido, e mais se baseia em elementos estáveis e constantes da vida social, em comportamentos e valorações essenciais e fundamentais.²⁰⁷

Outro aspecto: o valor deve ser compreendido dentro da “unidade (indissolúvel) do evento” ou na “inteireza” ou no “um certo todo”. Procedimentos de fragmentação, de abstração, de sistematização e de universalização operam no mundo teórico ou da cultura, o que isoladamente Bakhtin rejeita. Tal defesa, apesar de nos parecer sensata, cria uma dificuldade bastante grande e ainda sem solução para elaborar metodologias que permitam análises coerentes com esse princípio.

Mais outro: as avaliações não são fixas, estáticas, eternas, ou seja, elas podem passar por um processo de reavaliação. Na maior parte das vezes, a avaliação básica nem é anunciada, pois está “no corpo e no sangue de todos os representantes do grupo”, ela “se torna uma matéria de crença dogmática, alguma coisa como certa e não submetida à discussão”, ou seja, mantém-se no nível da forma sem entrar como conteúdo de um discurso. Se há verbalização e justificação desse julgamento básico de valor, se ele se desvia para os conteúdos, isto pode ser considerada uma evidência de que se está em meio a um movimento de reavaliação.

Continuando, as avaliações e os julgamentos de valor são fortes determinantes tanto na ento(n)ação quanto na seleção e combinação de nossas palavras (portanto, na forma e não apenas no conteúdo) ao elaborarmos um enunciado. Em outros termos, “não só a entoação, mas toda a estrutura formal da fala depende, em grau significativo,

²⁰⁶ PONZIO, 2008: pp. 93, 94 e 98

²⁰⁷ Ibid., p. 98

de qual é a relação do enunciado com o conjunto de valores presumido do meio social onde ocorre o discurso”²⁰⁸.

Esses vários aspectos contribuem para delinear alguns dos desdobramentos apresentados em DVDA, cujos alicerces estão em PFA, conforme apresentado no capítulo anterior.

Ao modo de uma pausa para recapitulação bastante sintética, podemos dizer junto a Souza que “a entonação apresenta características histórico-fenomenológica e sociológica”²⁰⁹.

Continuando, recorro a comentários-análises como os que se seguem.

É possível extrair que a entonação tem dois lados, conforme exposto em DVDA: um voltado para o interlocutor juntamente com o “apoio coral” e o outro voltado para o que está enfatizado como fator extremamente importante: o “terceiro participante” (o referente, o objeto do enunciado, a personificação desse objeto, o tópico da fala, o que ou o quem, “uma coisa inanimada, alguma ocorrência ou circunstância da vida”²¹⁰, o “herói”). Chega-se a essa noção reconhecendo inicialmente que se trata de um aspecto inicialmente “misterioso”, que entretanto é resolvido ao se desenvolver um percurso em torno da idéia de personificação. Assim, tem-se o que Bakhtin denomina “dupla orientação” (social), justamente porque a entoação se orienta em duas direções: ao interlocutor ou segundo participante (aliado ou testemunha) e ao terceiro participante, a quem a entoação repreende ou agrada, denigre ou engrandece. Toda essa sistematização cairá no mesmo erro que o Círculo critica e tenta superar na abordagem lingüística formal e na abordagem psicológica (ainda que elas sejam indispensáveis) se não se levar em conta a interação social (chave de entendimento) entre esses participantes: o segundo e terceiro (já mencionados) e o primeiro participante, o falante.

Outra característica da ento(n)ação: ela é “ativa e objetiva por tendência”²¹¹. É recorrente ao longo da obra de Bakhtin a sua interlocução com certas perspectivas

²⁰⁸ BAKHTIN, 1993 [1926]: p. 7

²⁰⁹ SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin /Volochinov/Medvedev*. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p. 130

²¹⁰ BAKHTIN, op. cit.: p. 8

²¹¹ Ibid., p. 6 e 8

psicológicas, no caso, ele não concorda que a ento(n)ação expresse um “estado mental passivo do falante” de cunho subjetivista, ao contrário: “quando uma pessoa entoa [...] ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social”²¹². Esse caráter ativo da entonação parece-me pertinente e mesmo uma contribuição significativa de Bakhtin como resultado da concepção de sujeito ativo.

Ainda que na modalidade oral a faceta mais conhecida da ento(n)ação (ritmo, timbre, intensidade, duração, altura de voz, pausa, silêncios, hesitações, ruídos, etc.) seja bastante perceptível, sua concepção ampliada cobre a modalidade escrita, considerando, por exemplo, a seleção dos vocábulos (menos dos dicionários e mais das falas dos outros como decorrência de posicionamentos avaliativos e valorativos) bem como a própria combinação (sintaxe) entre eles.

Dando continuidade, porém agora deixando DVDA como foco e passando a dar mais atenção a MFL, encontra-se a entoação (expressiva) introduzida e discutida no seio do “problema da significação”²¹³. Aqui, diante do caos terminológico considerando as inúmeras perspectivas em linguagem, cabe uma nota advertindo que operamos dentro de um quadro terminológico-conceitual exclusivamente bakhtiniano, sobretudo quanto aos termos tema²¹⁴, significação²¹⁵ e sentido²¹⁶.

E Amorim nos auxilia ao defender que “a teoria de Bakhtin conceitua o discurso enquanto acontecimento em que a diferença entre valores desempenha papel fundamental na produção de sentido.”²¹⁷

Pode-se dizer que a entonação expressiva transmite a “apreciação social contida na palavra”²¹⁸. Bakhtin não estabelece propriamente uma classificação, mas pelo exemplo

²¹² BAKHTIN, 1993 [1926]: p. 8

²¹³ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 128

²¹⁴ Tema: “sentido da enunciação completa”; único; individual; concreto; não reiterável; “expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação; “em essência é irreduzível à análise”; “o estágio superior real da capacidade lingüística de significar”; “é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação.” (BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 131-9)

²¹⁵ Significação: “estágio inferior da capacidade de significar”; elementos reiteráveis e idênticos cada vez que se repetem; abstratos; decomponíveis e analisáveis em partes; “aparato técnico para a realização do tema” (BAKHTIN, 1995 [1929]: pp. 131-9)

²¹⁶ O sentido decorre do todo do enunciado e está relacionado com um valor ou comporta um juízo de valor, além de implicar uma compreensão responsiva

²¹⁷ AMORIM, 2007: p. 18

e conceituação de que se vale, deixa entrever que podem ocorrer pelo menos duas situações.

Na primeira, a entonação é suficiente na composição do sentido independentemente do suporte concreto lingüístico utilizado. Ocorrem principalmente naquelas situações em que não são ultrapassados os “limites estreitos da situação imediata e de um pequeno círculo social íntimo”²¹⁹, como por exemplo nos discursos familiares. Os dois casos já citados (“bem” em DVDA, e “aquela palavrinha proibida” repetida seis vezes... em MFL) são bastante ilustrativos. Na segunda, atua como “auxiliar marginal das significações lingüísticas”²²⁰, e nesse caso “não traduz adequadamente o valor apreciativo”, muito embora isso não a desqualifique.

Nas duas situações o que se pretende destacar é que a entonação importa para o Círculo (é exagerado dizer pura e tão somente?) na medida em que é a manifestação de um julgamento de valor ou de um valor apreciativo ou de uma apreciação social, enfim, valor. Entretanto não se confunde com ele, mas é uma de (talvez uma das mais importantes de) suas manifestações concretas na linguagem na forma de um acento de valor ou apreciativo.

Nem a entonação pela entonação nem o valor pelo valor, isolados e teorizados, importam para o Círculo. Importa por outro lado e muito, em MFL, quando compreendidos na inter-relação com as noções de tema, significação e compreensão ativa. Vejamos:

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra.²²¹

A ênfase é muito forte para deixar dúvidas sobre o cunho quase que axiomático, como se pode conferir na seqüência de MFL: “Não se pode construir uma enunciação sem

²¹⁸ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 132

²¹⁹ Ibid., p. 134

²²⁰ Ibid., p. 134

²²¹ Ibid., p. 132

modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa.”²²²

Então há uma contradição entre essa “lei” e a segunda situação acima apresentada, na qual a entonação atua como “auxiliar marginal das significações lingüísticas” por não traduzir “adequadamente o valor apreciativo”? Nesse ponto, vejo duas possibilidades de leitura, dependendo da abrangência e dos elementos envolvidos, ainda que em ambas sejam reconhecidas as determinações das valorações sociais.

Na primeira, opera-se com uma noção ampla de entonação, que abrangeria não apenas os elementos mais característicos da fala/oralidade (timbre, ritmo, altura, pausas...), uma forma “sonora” da expressão axiológica, mas também serviria como orientadora tanto na escolha das palavras quanto na combinação entre elas.

Na última, a entonação em sentido restrito, sem cobrir esta segunda parte, e nesse caso necessariamente como “conceito auxiliar” da noção principal: orientação apreciativa, que de fato orientará “a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação”²²³.

Na maneira de apresentar nossa reflexão, deparamos então com um deslocamento da ênfase inicial na entonação passando para a apreciação (valorativa socialmente), porque em MFL pode-se dizer que a realização axiológica se concentra nesta última.

Além disso, no final do capítulo, e ao mesmo tempo no final do segundo bloco teórico do livro fechando sua filosofia da linguagem, encontra-se mais uma explicitação da importância da questão do valor na linguagem: “é à apreciação que se deve o papel criativo nas mudanças de significação. A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro”²²⁴. Tal defesa retoma e reafirma as discussões de DVDA, anteriormente aqui apresentadas.

²²² BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 135

²²³ Ibid., p. 135

²²⁴ Ibid., p. 135

“Luta incessante dos acentos (de valor)” é a expressão emblemática do que aqui se pretende salientar. As palavras “evolução”, “expansão”, “alargamento” e “transformação” interconectando os horizontes de determinados grupos sociais, a infraestrutura econômica e a sociedade, a semântica e a língua, e também, o “ser em processo”. Nesse movimento sem fim e sem síntese está o motor que mantém esse embate permanente de valores que se manifesta como pluriacentuação nas palavras. No dizer de Bakhtin,

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias.²²⁵

Poderíamos arriscar que Bakhtin amorosamente reconheceria a importância dos estudos mais recentes envolvendo a apreciação (ou *modalidades apreciativas*, no sentido tanto *estrito* quanto *amplo*²²⁶, como distinguem Charadeau e Maingueneau), pois lida com julgamento de valor. Mas, para ser coerente com o que já se afirmou até aqui, mais do que também apontar que essas marcas “estão localizadas em todos os planos da estrutura lingüística: do sufixo à prosódia”²²⁷, certamente Bakhtin não tentaria inventariá-las operando no nível da língua. Isto porque, como apontam os dois dicionaristas, trata-se “de fenômenos essencialmente graduais e muito instáveis, muito sensíveis ao co-texto e à situação de comunicação.”²²⁸ Certamente o enfoque da A.D. sobre o assunto se distanciaria menos da perspectiva bakhtiniana, como resumem os dois autores:

Deve-se admitir que há freqüentemente interação entre as potencialidades da língua e os valores em discurso: um co-texto apropriado pode atenuar, anular, e até inverter um grande número de apreciações. Elas [as marcas apreciativas] não se mostram necessariamente como tais no mesmo grau, elas podem se dissimular mais ou menos; a simples detecção de marcas não é suficiente, é necessário, também, levar em conta a maneira como o enunciado a integra [...] deve-se relacionar as marcas de apreciação ao conjunto da situação de comunicação [...].²²⁹

Deixo MFL para priorizar agora a entonação a partir de GD. Começo por “a entonação expressiva [...] é um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do

²²⁵ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 136

²²⁶ CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008[2004]: p. 49

²²⁷ Ibid., p. 50

²²⁸ Ibid., p. 50

²²⁹ Ibid., p. 51

locutor com o objeto do seu discurso”²³⁰. Tal proposição se insere dentro de uma discussão onde é tratada a problemática da expressividade como uma segunda fase na elaboração do enunciado (concreto) e das formas típicas de enunciados ou gêneros do discurso.

A relação do tipo emotivo-valorativa é retomada em GD, porém mantendo seu vínculo principalmente com PFA, mesmo que em moldes menos reflexivos. Assim, novamente se identifica a defesa de que um locutor adota (sempre) uma posição ou atitude no plano dos valores da realidade: “Apenas um locutor pode estabelecer essa espécie de relação, ou seja, um juízo de valor a respeito da realidade, que ele realizará mediante um enunciado concreto.”²³¹

“Não há, para Bakhtin, enunciado representável ou dotado de significado sem a avaliação social que o veicule”²³², para nós decorrência do “princípio segundo o qual toda avaliação social está incorporada num material”²³³, opiniões de Dahlet que seguem na direção do que estamos propondo.

No formato de um axioma e postulando a diferença entre a noção de enunciado e a de palavra/oração, Bakhtin defende que “um enunciado absolutamente neutro é impossível”²³⁴, diferentemente d“as palavras [que] não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários”²³⁵. Na mesma linha,

A língua enquanto sistema dispõe, claro, de um rico arsenal de recursos lingüísticos — lexicais, morfológicos e sintáticos - para expressar a posição emotivo-valorativa do locutor, mas todos esses recursos, na qualidade de recursos lingüísticos, são absolutamente neutros no plano dos valores da realidade.²³⁶

²³⁰ BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1952-53], p. 308 p. 308

²³¹ Ibid., p. 309

²³² , V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 264

²³³ Ibid., p. 266

²³⁴ BAKHTIN, op. Cit.: p. 308

²³⁵ Ibid., p. 309

²³⁶ Ibid., p. 308

Ousadamente (!?) Bakhtin alega, isso em 1952-53, que os próprios poetas (quem diria? ...ou para nosso alívio, pobres mortais falantes ordinários!) também se equivocam, bem como a estilística, a que ele se opõe explicita e declaradamente:

(...) é difícil descartar a idéia de que a palavra da língua comporta (ou pode comportar) um “tom emocional”, um “juízo de valor”, uma “aura estilística”, etc., e que, por conseguinte, comporta também a entonação expressiva que lhe seria inerente em sua qualidade de palavra. Ficamos tentados a acreditar que, ao escolher as palavras de um enunciado, deixamo-nos justamente guiar pelo tom emocional inerente à palavra considerada isoladamente: adotariamos aquelas que, por seu tom, correspondem à expressão do nosso enunciado, rejeitando as outras palavras. É assim que os próprios poetas concebem seu trabalho com a palavra, e é assim que também a estilística interpreta esse processo (...) // Ora, não é nada disso. É sempre a mesma aberração que já detectamos.

É o todo do enunciado que necessariamente tem de ser levado em conta. O todo que necessariamente envolve o entrechoque da realidade concreta e a significação lingüística, pois “o que se ouve soar na palavra é o eco do gênero em sua totalidade.”²³⁷

A recusa do teoreticismo, seja ele no âmbito dos valores, seja ele no âmbito da língua, é recorrente em Bakhtin. A realidade do ato realmente realizado (por mais que isso pareça redundante) por um sujeito único, repetimos, é o elemento mais importante, mais importante inclusive do que a representação e/ou abstratização desse ato, ainda que procedimentos deste último tipo sejam relevantes, quando não absolutizados e colocados no lugar da totalidade da vida.

Desse modo, a Bakhtin não importa qual valor (científico, estético, político, religioso...), nem tampouco estabelecer hierarquias entre eles, nem ainda dissecar suas características: “todos os valores, os mais variados e opostos e em todas as instâncias do juízo de valor” lhe interessam justamente porque todo e qualquer ato humano está encharcado deles, e porque é do encontro ou interação entre humanos, quer seja para alianças ou confrontos, que vida e sentido se (con)fundem.

Não importa criar sistemas sobre os valores, mas defender que as avaliações estão presentes inexoravelmente em todos os nossos atos, bem como a Bakhtin não importa também a língua como sistema abstrato, desconectado da vida. Pelo contrário, é por priorizar a noção de ato vivido por sujeitos que interagem socialmente em momentos e

²³⁷ BAKHTIN, 1992 [1952-53]: p. 312

espaços históricos, que Bakhtin se dedicará a discutir não a língua morta, mas o discurso ou linguagem (sobretudo a verbal), tendo no enunciado concreto a unidade de estudo.

Desse modo ainda, é o sujeito que atribui valor e encontra/forja na língua recursos para assim deixar marcado o seu posicionamento valorativo. A palavra, a oração, a língua é sempre neutra, contrariamente ao que proclamam várias perspectivas, o que inclui a estilística, em torno da questão da expressividade. Costurando as idéias:

O sistema da língua possui as formas necessárias (isto é, os recursos lingüísticos) para manifestar a expressividade, mas na própria língua as unidades significantes (palavras e orações) carecem, por sua natureza, de expressividade, são neutras. E isso que possibilita que elas sirvam de modo igualmente satisfatório a todos os valores, os mais variados e opostos e a todas as instâncias do juízo de valor.²³⁸

Retomando, então, a entonação expressiva é um dos recursos pelo qual a relação emotivo-valorativa se manifesta, mas a língua também oferece outros recursos: lexicais, morfológicos e sintáticos. Ao mesmo tempo, entretanto, “A relação valorativa [do locutor] com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.”²³⁹

Com essa ampla abrangência, percebe-se então que o constante estabelecimento dessas relações valorativas tem desdobramentos diretos e muito importantes na linguagem, e, que a entonação é apenas uma parte delas.

Um desses desdobramentos (e mais à frente talvez cheguemos à conclusão de que um dos principais, pois pode ser considerada hipótese de base para o dialogismo) é que

Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição [valorativa] definida numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por essa razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal.

Se por várias vezes já evidenciamos que para Bakhtin o sujeito sempre adota uma posição valorativa (mesmo quando queira ser imparcial, por mais que isso soe como um paradoxo), nesta passagem salientamos outro aspecto fundamental: a relação

²³⁸ BAKHTIN, 1992 [1952-53]: p. 315

²³⁹ Ibid., p. 308

valor-alteridade, na medida em que a posição [valorativa] do “eu” está necessariamente correlacionada com a(s) posição(ões) do(s) “outro”(s). E correlacionada em duas direções, retrospectiva e prospectivamente. Na primeira porque quando um sujeito fala sobre o objeto, este anteriormente “já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras”²⁴⁰ por outros. Na última porque “no momento em que o enunciado está sendo elaborado”, ele é elaborado “em função da eventual reação-resposta” do(s) outro(s) a que se destina. Portanto, “o papel dos outros, para os quais o enunciado se elabora [...] é muito importante.”²⁴¹

Parece que essa *correlação de posições* nos GD são ecos bastante fortes do que Bakhtin em PFA denominou de *contraposição de centros de valor*.

Encontramos também em GD uma tipologia que Bakhtin não estabeleceu sistematicamente, mas que pode contribuir para o nosso propósito de tentar mapear minimamente um quadro geral: (1) não-entonação da palavra na língua; (2) entonação expressiva individual do outro; (3) entonação expressiva do gênero do discurso; (4) entonação gramatical e, (5) entonação narrativa, exclamativa, exortativa.

O primeiro caso já foi comentado acima: isoladamente ou na língua não ocorre entonação ou valoração, ou seja, há neutralidade.

Na entonação expressiva individual a idéia nuclear é a de que “as palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.”²⁴² Opera-se com o “enunciado individual”, isto é, aquele extraído de obras individuais ou em contexto individual, irreproduzível e atualizado (no sentido de que se tornou um ato), advindo de uma comunicação verbal ativa, que deixou de ser um enunciado apenas típico e tornou-se também individualizado. A entonação expressiva individual “nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual”²⁴³. Então, “neste caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (aquele cuja palavra serve de norma: o homem de ação, o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, o mestre, etc.) e apresenta-se como um aglomerado de

²⁴⁰ BAKHTIN, 1992 [1952-53]: p. 319

²⁴¹ Ibid., p. 320

²⁴² Ibid., p. 314

²⁴³ Ibid., p. 313

enunciados”²⁴⁴. Generalizando, “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”, num processo de *assimilação* das palavras do outro (e não da língua). Neste caso, pode-se dizer que a palavra se torna uma “espécie de representante do enunciado do outro em seu todo – um todo por ser instância determinada de um juízo de valor”²⁴⁵.

Na entonação do gênero está um dos principais motivos para a entonação expressiva (mais precisamente a relação valorativa) ser contemplada nos GD, pois esta última é um dos aspectos determinantes na elaboração principalmente de dois dos componentes do gênero: composição e estilo.

Na composição (ou construção composicional) porque o embate axiológico entre interlocutores ativos contribui para que Bakhtin defenda a noção de “alternância dos sujeitos falantes” ou réplicas dentro da idéia de diálogo como base de seu modelo de comunicação.

No estilo, e estilo segundo o entendimento de Bakhtin, a “relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado” do(s) outro(s) – aspecto fundamental –, e não mais subjetivamente o locutor e seu julgamento de valor sobre apenas o objeto de sentido, como propõe e defende a estilística tradicional.

Articulando DVDA e GD, pode-se afirmar que a questão do valor está presente no primeiro, quando Bakhtin reconhece a ocorrência da ideologia ou valor no campo do conteúdo, mas aponta também sua presença onde era menos estudada e compreendida, e portanto ignorada em sua força, no campo da forma, na entonação. Aqui nos GD, continua o valor no campo do conteúdo (temático), contudo a discussão sobre a questão valorativa no âmbito da forma ganha novos contornos ao ser rerepresentada no domínio da estrutura composicional e do estilo.

Segundo Bakhtin, os gêneros “implicam também um tom determinado, ou seja, comportam em sua estrutura uma dada entonação expressiva”²⁴⁶, e um determinado

²⁴⁴ BAKHTIN, 1992 [1952-53]: p. 313

²⁴⁵ Ibid., p. 314

²⁴⁶ Ibid., p. 303

gênero ou outro é escolhido pelo locutor também em função disso. Bakhtin enfatiza outra característica associada a este ponto: por não possuir uma força normativa rígida, ao contrário, por conciliar tipicidade e flexibilidade, os gêneros do discurso geralmente podem passar por um processo de modificação em seu tom ou entonação inicial, o que ele denomina “jogo das inflexões”, provocando efeitos que podem variar bastante, considerando também as esferas de atuação em trânsito e o intuito discursivo do falante. Além disso, e diferentemente da entonação individual, a entonação do gênero é de ordem impessoal. De acordo com Souza, “se relaciona com o todo do enunciado concreto”²⁴⁷.

Sem desviar adentrando na ampla (e controversa) discussão atual sobre os gêneros do discurso, gostaria apenas de sintetizar ressaltando que o valor está no cerne das reflexões apresentadas por Bakhtin no artigo GD compilado em ECV, principalmente na parte dedicada à entonação do gênero: a concepção nuclear de enunciado (concreto, como “unidade da comunicação verbal”) tem uma de suas colunas nas reações entre os posicionamentos axiológicos (embutida na noção de expressividade ou entonação expressiva bakhtiniana) dos sujeitos falantes organizados e que se manifestam nas diversas esferas sociais.

A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro.²⁴⁸

E ainda,

O enunciado ocupa uma posição [axiológica] *definida* numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por essa razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal.²⁴⁹

Já a entonação gramatical “marca a conclusão, a explicação, a demarcação, a enumeração, etc.”²⁵⁰, no nível da oração enquanto unidade da língua. Bakhtin apenas menciona tal situação sem se deter nela – aliás, apresenta-a apenas como uma “observação” –, talvez porque esta entonação particular “não tem nada a ver com a

²⁴⁷ SOUZA, 1999: p. 134

²⁴⁸ BAKHTIN, 1992 [1952-53]: p. 317

²⁴⁹ Ibid., p. 316

²⁵⁰ Ibid., p. 315, e citado por SOUZA, 1999: p. 134

expressividade”²⁵¹, o que de fato lhe (e nos) interessa. Parece-nos ainda que o termo “entonação”, nesse caso específico, pode provocar problemas por se ampliar contemplando relações de cunho lógico (formal ou gramatical) ao mesmo tempo em que ignora as relações emocionais-volitivas.

No quinto caso, o da entonação narrativa, exclamativa e exortativa, ocorre o “cruzamento da entonação gramatical com a entonação do gênero”²⁵². Bakhtin a menciona porque é uma maneira de ratificar a sua defesa de que a oração (na língua) é neutra e que é o todo do enunciado que carrega o valor. Como nesse caso se está a meio caminho entre oração-enunciado, era necessário abordar suas características, e ainda que Bakhtin assim não tenha dito, a nosso ver seria menos confuso simplesmente caracterizá-las como um subtipo dentro da entonação do gênero.

Estes foram os aspectos que julgamos relevantes destacar quanto à abordagem axiológica a partir da entonação como conceito nuclear nas obras DVDA, MFL e no artigo GD.

Percebe-se, assim, que Bakhtin recusa abordar a ento(n)ação quer seja pelo viés da fonética ou da fonologia que começava a se instaurar com uma lingüística da língua, quer seja nos moldes que vinham sendo feitos desde a Antigüidade grega e latina predominantemente na poesia, na métrica e na melodia. E por esse motivo, sua postura pode ser considerada alternativa? Parece que sim. Além disso, visionária ou precursora dos estudos inicialmente da entonação desembocando nos estudos mais amplos dos fenômenos prosódicos? Visionária sim, considerando por exemplo o estado da arte sinteticamente apresentado por Charaudeau e Maingueneau no verbete *prosódia*, e, o fato de que com a entonação se deu o ponto-pé inicial nos estudos prosódicos que vieram a se tornar centrais em uma lingüística da fala ao longo da segunda metade do século XX. Um destaque merece ser feito quanto ao seguinte deslocamento: do trato com frases de laboratório para situações (“reais”) de fala espontânea incluindo aspectos tipicamente não-verbais abrangendo dimensões lingüísticas, pragmáticas e interacionais. Se precursor, mais por reconhecimento tardio do que por influência concreta e direta, é o que nos parece em um primeiro momento, o que contudo pode e deve ser melhor averigüado. E aqui fica registrada, então, uma

²⁵¹ BAKHTIN, 1992 [1952-53]: p. 315

²⁵² SOUZA, 1999: p. 134

possibilidade de pesquisa futura quanto ao papel que o pensamento bakhtiniano, sobretudo quanto à entonação, exerceu de fato no desenvolvimento deste “domínio específico de estudos”, isto é, a prosódia contemporânea. Outra postura: Bakhtin levou à exaustão seus estudos sobre a entonação? Sem dúvida, não, o que em nada o desmerece considerando que ainda hoje “o estudo da prosódia suscita numerosas questões teóricas e metodológicas ainda longe de estar resolvidas”²⁵³, como afirmam os dois autores do dicionário de análise do discurso acima citados.

Parece-me que a complexidade – mais metodológica e menos teórica – na abordagem dos parâmetros entonacionais e prosódicos (no âmbito do oral) dentro da concepção bakhtiniana de linguagem que emerge, foi um dos motivos que levou Bakhtin a buscar no campo da sintaxe (discurso direto, indireto e indireto-livre) e na modalidade escrita²⁵⁴ a realização do valor na linguagem. Mas isso não passa de uma percepção ou hipótese que pede comprovação ou refutação num futuro.

Como os sentidos nunca estão completamente fechados, uma maneira de encerrarmos este sub-capítulo sem, contudo, alimentar a pretensão de concluí-lo é trazer os olhares sobre a entonação de alguns dos demais leitores de Bakhtin, por exemplo Stam e Dahlet.

Projetando o prisma bakhtiniano sobre a grande tela, ou, “reimaginando o cinema *através de Bakhtin*”²⁵⁵, Stam destaca o liame entre entonação e tato. A primeira constituindo “um canal e um conformador sutil das relações sociais”, servindo de “barômetro para alterações na atmosfera social”. Além disso, “é simplesmente a consequência” do último, entendido como “o conjunto de códigos que regem a interação discursiva” e que “tem a ver com as relações entre interlocutores e é determinado pelo conjunto de relações sociais dos sujeitos falantes, por seus horizontes ideológicos e pelas situações concretas da conversa”²⁵⁶. Enfim, “não é difícil analisar documentários em termos de ‘tato’ e ‘entonação’, a maneira como representam

²⁵³ CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008[2004]: p. 409

²⁵⁴ Ainda que Bubnova (2006), por exemplo, enalteça em Bakhtin a inexistência de uma distinção drástica entre a cultura oral (ou oralidade) e a escrita, o que inclui ver no enunciado uma metáfora da oralidade codificada por escrito, ou ainda, a letra (ou escrita) como tradução do discurso oral.

²⁵⁵ STAM, 1992: p. 59

²⁵⁶ Ibid., pp. 33, 59, 62-63 e 92-94

valores culturais e posições políticas”²⁵⁷, o que nos permite dizer que para Stam entonação é uma das “categorias conceituais”²⁵⁸ bakhtinianas.

Embora proponha um objetivo diverso – “pensar o papel e a função da entonação no texto poético”²⁵⁹ juntamente com as questões do corpo, do ritmo, da voz e da escrita – para Dahlet a entonação em Bakhtin “é a fonte da voz” e, mais ainda, é a reintrodução do corpo que estava ausente estabelecendo “a ligação corpo-voz na performance da entonação.” Além disso, propõe que a entonação bakhtiniana seja vista como lugar de memória e também como lugar de encontro. Não deixa de apontar, entretanto, que

Bakhtin concebe, em certos momentos, o sujeito e a linguagem como determinados por e como efeitos reiterativos da avaliação social, o que o impede de pensar no que o discurso deixa de dizer. Em contrapartida, existiria curiosamente uma espécie de além discurso que nem a entonação, nem o ritmo conseguiriam exaurir. [] É estranho que Bakhtin atribua de repente inflexões, acentuações sociais a um exterior discursivo, as quais se colocariam independentemente do discurso.²⁶⁰

3.2. Signo e ideologia (ou: o valor em MFL)

Em MFL, a questão do valor se faz presente de forma mais condensada na noção de entonação expressiva, tratada no sub-capítulo anterior; como um dos componentes das relações dialógicas, a ser abordado na próxima seção e na relação com as noções de signo e ideologia, foco de atenção neste momento.

Está longe de constituir nosso objetivo mergulhar nas águas profundas das discussões quer seja sobre a ideologia em geral quer seja sobre a problemática do signo. Nem mesmo nos propomos elaborar um estudo sobre a dimensão ideológica no pensamento do Círculo, incluindo avanços e lacunas entre outros aspectos importantes, visto que operamos com as análises já desenvolvidas por Faraco (2006a), Miotello (2004, 2006, 2007b, 2008) e Ponzio (2008). Este último em especial também oferece importantes reflexões sobre o signo na obra bakhtiniana. Das contribuições desses autores nos valem exclusivamente com vistas para os nossos propósitos.

²⁵⁷ STAM, 1992: p. 63

²⁵⁸ Ibid., p. 59

²⁵⁹ DAHLET, 1997: p. 263

²⁶⁰ Ibid., p. 273

Início formulando a pergunta “em que medida há correspondência entre valor e ideologia?” não registrada por Faraco, mas por ele respondida antecipadamente: “algumas vezes, o adjetivo *ideológico* aparece como equivalente a *axiológico*”²⁶¹. Na seqüência da “resposta” lembra que “para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo”. E continua:

desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica)

Comentemos por partes: por um lado, a dimensão avaliativa ou o posicionamento social valorativo sempre, e a nossa ênfase recai neste advérbio de freqüência, se manifesta nos enunciados. Uma vez aceito esse princípio, não resta dúvida de que entre valor e ideologia se estabelece total correspondência e o intercâmbio entre os dois termos pode ser feito sem comprometimentos conceituais.

Por outro lado, “algumas vezes” quer dizer exatamente *algumas* vezes e não “todas às vezes”. Portanto, há situações em que deixa de se estabelecer a equivalência entre valor e ideologia. Entretanto não vemos aí uma falha lógica, considerando que isto ocorre porque o termo ideologia para o Círculo tem na opinião de Faraco outros sentidos: (a) “universo dos produtos do ‘espírito’ humano” ou “cultura *imaterial*” ou “produção *espiritual*” ou “formas da consciência social”; (b) “universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais”; (c) quando empregado no plural designa “a pluralidade de esferas da produção imaterial (assim, a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética a política são as *ideologias*)”; (d) tudo aquilo que por ter natureza semiótica (no vasto domínio dos signos) é passível de receber significado; (e) “nenhum sentido restrito ou negativo”, sendo inadequado tomá-lo como “mascaramento do real”.

Verifica-se facilmente então que o termo *valor* não cobre a abrangência das noções contidas nos itens acima, ainda que esteja imbricado com todas elas.

²⁶¹ FARACO, 2006a: p. 46

Miotello²⁶², assim como Faraco e Ponzio²⁶³, adverte que “não cabe a possibilidade de tratar a ideologia como falsa consciência”, e o primeiro acrescenta, nem “simplesmente como expressão de uma idéia”, esmiuçando que para Bakhtin o conceito de ideologia é elaborado no “movimento” e na “concretude do acontecimento”, evidenciando a relação entre a ideologia do cotidiano (noção apresentada e desenvolvida pelo Círculo) com a ideologia oficial. Mas o que queremos de fato ressaltar é que para Miotello, juntamente com Ponzio²⁶⁴, a ideologia é “expressão de uma tomada de posição determinada” e, por nossa conta, forçamos uma tradução lendo nessa “tomada de posição determinada” o que nos interessa: o posicionamento valorativo.

Nas reflexões desses três estudiosos percebe-se o lugar/papel que a ideologia ocupa no pensamento de Bakhtin: a elaboração de uma “teoria marxista da chamada criação ideológica”²⁶⁵ (condensada especialmente em MFL) é um dos dois grandes projetos do Círculo aos olhos de Faraco, ao passo que Miotello argumenta que ela é “conceito fundamental”²⁶⁶ enquanto Ponzio alega que “essa noção ocupa um lugar essencial em sua obra”²⁶⁷. O próprio Bakhtin deixa registrado que a filosofia da linguagem que propunha em MFL deveria ser concebida como “filosofia do signo ideológico”²⁶⁸. Avançando um pouco mais, Ponzio entre outros aspectos defende, por exemplo e em exercício de transposição para a atualidade, que

a análise que Bakhtin propõe da ideologia mostra-se especialmente apropriada à realidade atual das ideologias, a sua estratificação, interconexão, ambivalência, convivência recíproca, unificação, camuflagem, fisionomia imprecisa, carência de posição definida e derivação duvidosa.²⁶⁹

Considerando, então, que ideologia e axiologia se equivalem em algumas situações, pode-se afirmar que esta última também tem sua relevância.

Mais especificamente quanto à relação valor-signo, em PFA identificamos algumas das bases do que se mostra em MFL. Como já apresentado anteriormente nesta pesquisa, para Bakhtin, valorar é um fenômeno inerente ao ser humano. Soma-se a isto que a

²⁶² MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007b [2005], p. 168-9

²⁶³ PONZIO, 2008: pp. 113-5

²⁶⁴ Ibid., p. 115

²⁶⁵ FARACO, 2006a: p. 18

²⁶⁶ MIOTELLO, op. Cit., p. 167

²⁶⁷ PONZIO, op. Cit., p. 112

²⁶⁸ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 38

²⁶⁹ PONZIO, op. cit., p. 25

concretude e singularidade do ato-evento é algo que o modelo bakhtiniano de pensamento procura garantir, ou seja, tenta-se evitar que a abstração ou teorização se deixe passar pelos atos vivenciados ou se confunda com eles. Portanto, o Círculo se viu na condição de compreender o valor necessariamente em sua materialidade, o que levou Bakhtin a identificar sob variadas maneiras sua realização no signo, sobretudo o lingüístico, respondendo ao mesmo tempo em que se opunha nesse caso à perspectiva idealista-subjetivista.

Apresentado em outras palavras, em PFA ocorre uma recusa ao sistema abstratizado e teorizado de valores universais, valores puros, sem conexão com a vida vivenciada, e em MFL essa recusa continua. Além disso, a realização do valor fica explicitada no momento em que o Círculo postula que ela ocorre em tudo que se transforma em signo. Aliás, afirma-se que somente se transforma em signo aquilo que recebe uma valoração social, portanto, condição necessária.

Além disso, a realidade ou o mundo no qual nos encontramos chega até nós, ou vice-versa, por intermédio de signos, como aponta Faraco a partir de PFA.

Nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas, com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência – com nosso ambiente natural e contextos sociais – só ocorrem mediadas semioticamente. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações.²⁷⁰

Articulando todas essas noções, tem-se que, como “a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores.”²⁷¹

Na mesma direção, ao discutir *signo e ideologia* em capítulo específico de seu livro, Ponzio aponta para a existência do ponto de vista valorativo:

o signo representa (e organiza) a realidade (sínica e não sínica) a partir de um determinado ponto de vista valorativo, segundo uma determinada posição, por meio de um contexto situacional dado, por determinados parâmetros de valoração, determinado plano de ação e uma determinada perspectiva na práxis.²⁷²

²⁷⁰ FARACO, 2006a: p. 48

²⁷¹ Ibid., pp. 48-9

²⁷² PONZIO, 2008: p. 109

De maneira semelhante se pronuncia Miotello quanto ao imbricamento valor-signo-ideologia e realidade, para quem o signo recebe um “ponto de vista, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico. Logo, todo signo é signo ideológico”²⁷³.

Lembrando que aqui Bakhtin está no olho do furacão, no cerne do problema que ele se coloca:

De fato, a essência deste problema [da relação recíproca entre a infra-estrutura e as superestruturas] naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber como a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação.²⁷⁴

Em estreita associação com o que foi afirmado acima sobre a ideologia, para Ponzio, em capítulo no qual discute a “problematização do sentido”²⁷⁵ e o signo em Bakhtin, o signo também “comporta uma tomada de posição”²⁷⁶. Na opinião dele, a entonação valorativa, juntamente com a variabilidade e a ambivalência, são características específicas do signo que fazem com que sejam superados o “fator de sinalidade”, o “fator de auto-identidade e da reiteração”.

Deixa de ser excessivo reforçar que o caráter da atribuição valorativa é social ou decorrente de uma coletividade organizada sócio-economicamente, descartando-se assim a possibilidade de que um indivíduo sozinho ou isoladamente consiga definir o valor que um objeto possa vir a ganhar, conforme se encontra em MFL:

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.²⁷⁷

²⁷³ MIOTELLO, 2007b: p. 170

²⁷⁴ BAKHTIN, 1995 [1929]: p. 41

²⁷⁵ PONZIO, 2008: p. 89

²⁷⁶ Ibid., p. 90

²⁷⁷ BAKHTIN, op. Cit., p. 45

Em sua análise, Ponzio confronta as noções de signo X sinal, signicidade X sinalidade, tema X significação, sentido X significado, compreensão responsiva X identificação, além de enunciado X frase. Interessa-nos destacar que no enunciado (ligado à compreensão responsiva e ao sentido; que está no nível propriamente sígnico; não pode ser decomposto porque “se coloca no plano da unidade lingüística, da completude sígnica”; é considerado “em sua singularidade pelo que se quer dizer ‘aqui e agora’”, enfim dentro de uma enunciação), manifesta-se “uma tomada de posição, um juízo de valor, a expressão de uma perspectiva: isso faz com que toda enunciação tenha sempre uma acentuação especial ou entonação valorativa”²⁷⁸.

“Índice social de valor” é o termo que se encontra em MFL para designar essa realização do valor como componente do signo ideológico. E como a palavra, por suas propriedades²⁷⁹ que a colocam como “signo ideológico por excelência”²⁸⁰, serve a falantes/grupos que defendem diferentes valores, ela se torna a “arena” onde os índices de valores contraditórios se confrontam.

Nas palavras de Faraco²⁸¹, “as relações dialógicas são [...] relações entre índices sociais de valor [...] parte inerente de todo enunciado”, afirmações com as quais concordamos.

O meu didatismo quis enxergar nesse “índice” uma garantia fácil de encontrar o valor ali, visível, objetivo e inconfundível (como um morfema, por exemplo), no signo lingüístico. Vã tentativa! O máximo que consigo visualizar é um rearranjo do quadro. Vejamos:

Já apontamos que para Bakhtin valorar é uma atitude intrínseca ao ser humano; que todo enunciado concreto é valorativo; que o entrecchoque de valores faz eclodir os sentidos. Muito resumidamente é isso. Daqui para frente todos os riscos são meus.

²⁷⁸ PONZIO, 2008: p. 95

²⁷⁹ Propriedades da palavra segundo Bakhtin (1995: p. 38): pureza semiótica, neutralidade ideológica, implicação na comunicação humana ordinária, possibilidade de interiorização, presença obrigatória como fenômeno acompanhante em todo ato consciente.

²⁸⁰ BAKHTIN, op. cit., p. 57

²⁸¹ FARACO, 2006a: p.64

“Índice social de valor” (ISV) seria tudo aquilo que indica a manifestação de um elemento valorativo ou de avaliação na linguagem, independentemente da natureza em que se apresente.

Assim, pode ser considerada um tipo de ISV a “ento(n)ação” (“tom” e “tonalidade” são outras denominações possíveis) de cunho acústico e/ou prosódico (timbre, altura, ritmo e tonalidade da voz física mesma; pausas, hesitações).

A vasta gama de gestos corporais também traz consigo manifestações avaliativas e compõe junto com o elemento verbal um bloco único. Também pode ser considerado como ISV, ainda que não se enquadre dentro dos domínios estritamente lingüísticos e por isso, conseqüentemente, por muito tempo foram considerados elementos marginais sem se caracterizarem como objeto digno de estudo nesta área.

Inicialmente, o que está no nível do conteúdo na superfície da língua (ao se empregar tal adjetivo e não outro, por exemplo) são manifestações avaliativas e, claro, tem sua importância. Entretanto, o termo ISV não parece que foi empregado pelo Círculo para cobrir estes casos. O fato é que, por se tratar de um fenômeno que já vinha sendo identificado por outros estudiosos e, para estes, o valor ou ideologia somente se dava no âmbito do conteúdo, Bakhtin se esforçou por demonstrar que ela ocorria em relação à forma, tarefa importante que até então não havia sido feita.

Arriscamos propor que podem ser considerados ISV de maneira geral todos os variados fenômenos estudados por Bakhtin nos quais há entrechoque valorativo. Assim, as formas nas quais se manifestam posições sociais avaliativas (discurso direto, indireto, indireto-livre, ironia, parodia, emprego de aspas, estilização, entre outros diversos mecanismos nos quais as vozes são expressões de tomadas de posição dos sujeitos inter-agentes) são também ISV.

Basicamente, estes são os ISV mapeados dentro dos textos bakhtinianos.

3.3. Relação dialógica (ou: o valor em PPD)

Em PPD, a questão do valor não se destaca à primeira vista, assim como isto também não ocorre nas demais obras do Círculo aqui contempladas. No quinto capítulo, por exemplo, o objetivo principal de Bakhtin é definir o que ele denomina *relação dialógica*, cerne de seu objeto de exame, o discurso entendido como “a língua em sua integridade concreta e viva” com seus “enunciados integrais” e bivocais. Em função desse novo enquadre, surge juntamente a necessidade de um “estudo” ou de uma “disciplina particularmente definida”, nominada Metalingüística (também identificada por Translingüística por alguns de seus estudiosos), que engloba entre outras a noção de enunciação, de autor e de dupla orientação da palavra. Ao mesmo tempo, demarca tudo isso em relação à Lingüística, cuja concepção de língua como sistema, possibilidade e generalidade, contempla as relações lógicas e concreto-semânticas sob um enquadre abstrato, o que Bakhtin considera legítimo para determinados fins, entretanto insuficiente para o que ele propõe (cujas raízes já estavam lá em PFA) marcando uma diferença substancial.

A questão do valor apresenta-se neste mesmo 5º capítulo sob o nome de “juízo” (de valor), “posicionamento”, “posição de um autor” e “posição semântica”. E o valor é simplesmente indispensável na medida em que sem ele, independentemente de qual terminologia seja empregada, repetimos, sem ele não há relação dialógica. Escrito de forma invertida, toda vez que um sujeito se posiciona frente ao outro e tal situação se manifesta na linguagem, tem-se uma relação dialógica. Em termos mais gerais ainda, toda vez que ocorre um juízo de valor e conseqüente realização na linguagem definindo uma posição autoral frente à outra posição autoral-valorativa, a relação dialógica se instaura.

Como para Bakhtin as avaliações sociais penetram em todos os tipos de comunicação, o valor bem como as relações dialógicas podem ser percebidos praticamente em qualquer ocorrência da linguagem. E a extensão disso é muito ampla: “a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.”; podendo ir de uma única palavra, passando por obras e até mesmo chegando ao entrecruzamento de culturas.

Parece-nos que PPD e PFA estão entrelaçados neste ponto, mais especificamente naquilo que nos interessa, as relações dialógicas e a contraposição dos centros de

valor ao manterem entre si um vínculo muito estreito. Em PFA, apesar de o exemplo inicial ter sido extraído a partir de um poema, portanto, na arquitetônica da visão estética, Bakhtin naquele mesmo texto já operava com a arquitetônica do mundo real concreto. Em PPD, apesar de também se tratar inicialmente da análise no campo estético da palavra literária dostoiévskiana, o mundo da linguagem “ordinária” está presente e sobretudo imbricada com o mundo da literatura. Em todas essas situações, a idéia base se mantém: a atribuição de valor como um gesto inerente ao ser humano; seres humanos e seus grupos elaborando histórico-sócio-culturalmente valores diversos; inevitavelmente, o cruzamento desses valores ou desses posicionamentos, critério fundamental para Bakhtin, muito embora ele reconheça outros critérios (lógicos, por exemplo) que atendem a outros propósitos igualmente legítimos.

Esse entrecruzamento pode ser no âmbito do acordo, da consonância ou da aproximação como também no âmbito do desacordo, da dissonância e do afastamento. Embora em nenhum momento Bakhtin afirme taxativamente nem se ampare em “verdades estatísticas”, a impressão que se tem é a de que na dinâmica das relações dialógico-axiológicas há predomínio do último tipo. A recorrência de algumas expressões utilizadas pelo/sobre o círculo também nos leva a tal afirmação: “tenso combate dialógico”, “arena”, “arengas”, espaço de lutas, embate, etc.

É desprovido de fundamento tomar a noção bakhtiniana de voz como sinônimo de valor. Tal afirmação comprometeria nosso trabalho. No entanto, sem a noção de posicionamento valorativo, posição ideológica ou ponto de vista (esta última expressão de longe a mais utilizada por Bakhtin ao longo de PPD) a noção de voz se reduziria a um mero conjunto de elementos abstratos em associação dentro de um sistema, o que Bakhtin recusa e critica severamente.

Não se trata apenas de identificar a diversidade entre/dos/nos seres humanos manifestada em diferentes vozes permanentemente em aberto, sem acabamento – diga-se de passagem, grandes contribuições bakhtinianas –, mas junto a isso, revelar no sentido mesmo de tirar o véu sobre os movimentos de conjunções e disjunções entre essas vozes que condensam em si valores afirmados por sujeitos reais e sócio-historicamente enraizados, “essa luta entre pontos de vista e juízos de valor [...] [cada

um procurando] fazer prevalecer seus pontos de vista sobre si mesmo e sobre o mundo, externados por suas vozes.”²⁸²

A leitura de PPD nos remete à DVDA por pelo menos alguns motivos: o primeiro porque em ambos o Círculo defende que em toda obra literária “se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas”²⁸³ que a penetram, o que lhe dá um caráter internamente sociológico. Se se considerar que DVDA data de 1926 e que PPD foi publicado inicialmente em 1929 com reedição em 1963, verifica-se a mesma visão ao longo desses anos. O segundo porque a questão do valor era reconhecida apenas no nível do conteúdo ou fator ideológico (“ideologismo estreito”), quer seja na cosmovisão do autor Dostoiévski, quer seja nas proclamações das suas personagens/heróis. O próprio Bakhtin afirma em um espectro mais vasto que “a literatura sobre esse romancista tem-se dedicado predominantemente à problemática ideológica de sua obra. A agudeza transitória dessa problemática tem encoberto momentos estruturais mais sólidos e profundos de sua visão artística.”²⁸⁴ Importa destacar que em ambos os textos Bakhtin opera com a complexa dimensão axiológica no âmbito da forma.

Se por um lado retomamos um dos primeiros textos de Bakhtin para aproximar as relações dialógicas à questão do valor, por outro, no “último escrito do autor”, conforme nota no início de OSECH, elas continuam juntas e como etapa “final” no processo de compreensão efetiva, real e concreta:

1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) O reconhecimento do signo (como algo conhecido ou desconhecido); a compreensão de sua significação reproduzível (geral) na língua. 3) A compreensão de sua significação em dado contexto (contíguo ou distante). 4) A compreensão dialógica ativa (concordância-discordância); a inserção num contexto dialógico; o juízo de valor, seu grau de profundidade e de universalidade.

²⁸² BEZERRA, 2008, p. XVIII

²⁸³ BAKHTIN, 2008 [1929/1963]: p. 312

²⁸⁴ Ibid. p. 2

3.4. Comentários esparsos

O objetivo deste sub-capítulo é reunir mais alguns comentários e análises esparsas que não se enquadram nos critérios definidos para as seções anteriores nem justificam dentro dos nossos propósitos um tratamento isolado e autônomo.

O primeiro deles diz respeito à hipótese elaborada por Amorim, ao analisar PFA de uma maneira geral e mais especificamente o poema do final do texto. Para ela, a idéia de contraposição de centros de valor resultará no campo estético na idéia de polifonia. O número de centros de valor (dois inicialmente, em seguida a pluralidade e por fim, ausência) bem como as mudanças nos tipos de relações entre eles é analisado por ela em associação com a noção de polifonia, de vozes, de sobredestinatário, de sentido e de contexto. Para Amorim,

Os dois centros de valores colocados no início [em PFA] vão se tornar múltiplas vozes, múltiplas instâncias internas ao texto e não mais puramente contrapostas. E entre elas novas oposições e tensões vão se colocar. O peso do centro, tal como aparece aqui [em PFA], com seu enraizamento, sua carne e seu sangue, será dialetizado não apenas pelo conceito de polifonia como também pelo de sobredestinatário. Instância ideal e desencarnada, o sobredestinatário vai indicar para o texto uma projeção para além de seu contexto. É como se o contexto, lugar singular de onde um pensamento se pensa e é entendido pelo outro, pudesse vir a produzir um aprisionamento do sentido. Será necessário, então, formular uma instância terceira que venha desenraizar, desencarnar, para recolocar o movimento do sentido. Ou seja, ao mesmo tempo em que o contexto e a singularidade abrem na língua o inacabamento e a multiplicidade, num segundo momento também podem vir a constituir o seu fechamento.²⁸⁵

É também Amorim quem faz outra análise importante aqui não somente quanto à relação valor-linguagem, mas abarcando a relação entre o valor e o pensamento de Bakhtin:

Penso poder sintetizar uma grande parte do pensamento bakhtiniano: valor é relação, emoção é relação. Relação com o outro e relação com o Outro. Para os leitores assíduos de Bakhtin, é fácil identificar aqui [em PFA] a origem filosófica do conceito de dialogismo dos textos posteriores.²⁸⁶

²⁸⁵ AMORIM, M. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: Faraco, C. A.; Tezza, C.; Castro, G. (Org.) *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 22.

²⁸⁶ AMORIM, 2009a: p. 36

A idéia de valor como traço intrínseco do objeto artístico é suprimida para os formalistas, e a abordagem axiológica bakhtiniana é em parte uma reação a essa concepção, como lembra Tezza²⁸⁷, afirmando também que para Bakhtin

A linguagem da literatura se especifica diante da linguagem da ciência, da religião, da moral, como sistemas de valores. Qualquer elemento formal abstrato – a trama, a fábula, a rima, o tema, o motivo – só entra na literatura quando já embebido de valor, de dimensão axiológica, não como trama ou forma abstratas, mas como bem, mal, verdade, mentira, crime, dever, morte, vitória, etc. (...)

A análise seguinte também de Tezza está muito próxima a de Tchougounnikov²⁸⁸:

O poeta, quando escreve, não seleciona um sistema abstrato de possibilidades fonéticas, gramaticais, lexicais – seleciona, isto sim, as avaliações sociais implícitas em cada palavra. Para o Círculo de Bakhtin, a palavra já entra na arte carregada de intenções, opiniões, traços sociais, com todas as marcas de seu território valorativo.

Do “levantamento da fronteira entre a poesia e a prosa e da significação axiológica da ‘guerra dos gêneros’”²⁸⁹, outra contribuição importante para a nossa pesquisa emerge quando Tezza afirma que a noção de valor ou avaliação ideológica “contamina” a visão de poesia em Bakhtin. Em suas palavras,

Fora do dialogismo bakhtiniano – e usamos aqui o termo genérico ‘dialogismo’ apenas preliminarmente – é difícil compreender a visão de poesia definida por ele [Bakhtin], na medida em que esta visão se deixa contaminar quase que obrigatoriamente pela avaliação ideológica, pela noção de valor. Nessa avaliação, em síntese, o que se ressalta na superfície é o esquema da ‘centralização autoritária’ do discurso poético versus a ‘descentralização democrática’ do discurso romanesco, para resumir mais ou menos brutalmente o modo como até agora tem sido posta a discussão.²⁹⁰

Faraco, considerando às discussões em *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal*, percebe a criação estética para o Círculo como “um complexo processo de posicionamentos axiológicos em diferentes planos”²⁹¹.

Quanto ao ato estético-contemplativo fica-se com a impressão de que PFA se prolonga em AH, por exemplo, quando sob o ângulo dos valores, o problema do corpo é “colocado nos planos ético, estético e, em parte, religioso”. De novo um imbricamento

²⁸⁷ TEZZA, 2003: pp. 36-37

²⁸⁸ TCHOUGOUNNIKOV, 2005: pp. 16-17

²⁸⁹ TEZZA, 2003: p. 18

²⁹⁰ Ibid., p. 16

²⁹¹ FARACO, 2006a: p. 25

conceitual, agora nas relações entre os valores, eu-outro e corpo (interior e exterior), vida real/concreta. E duplamente: tanto na “posição única que o corpo, enquanto valor, ocupa num mundo concreto, único, relativamente ao sujeito”, quanto em um enquadre histórico-filosófico, análise que Tezza no conjunto denomina como uma “espécie de axiologia do corpo”²⁹². Dentro dessa discussão e entre outras passagens, Bakhtin afirma que

O essencial para nós aqui não deixa a menor dúvida: viver o outro de modo real, concreto, valorizado, no interior do todo fechado da minha própria vida, singular e única, no horizonte real da minha vida, se assinala por essa bivalência, pois, eu e o outro, ambos evoluímos em níveis (planos) distintos da visão e do juízo de valor (um juízo de valor concreto, real e não uma construção da mente), e se quero operar uma transposição que nos coloque, eu e o outro, num único e mesmo nível, devo, em meus valores, situar-me fora da minha própria vida e perceber-me como outro entre os outros.²⁹³

Deixo apenas registrado que outros dois sub-tópicos poderiam e deveriam ter sido analisados neste trabalho, mas por limitações sobretudo de tempo não o foram. O primeiro diz respeito a possíveis contribuições significativas quanto à questão axiológica na obra “A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais”, como deixa indicado o próprio Bakhtin “à guisa de conclusão” no último capítulo:

As línguas são concepções do mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta das classes. Por isso cada objeto, cada noção, cada ponto de vista, cada apreciação, cada entoação, encontra-se no ponto de intersecção das fronteiras das línguas-concepções do mundo, é englobado numa luta ideológica encarniçada.// A língua do século XVI, e especialmente a de Rabelais, é acusada por vezes de ingenuidade, ainda hoje em dia. Na realidade, a história das literaturas europeias não conhece língua menos ingênua que ela.²⁹⁴

O segundo se refere a um estudo do valor pelo viés religioso dentro do pensamento bakhtiniano. Seria salutar tentar compreender a relevância de recorrentes afirmações, comparações e exemplos de cunho “espiritual” – sobretudo em AH mas também dispersas em outras obras – analisando-as e tentando incorporá-las às discussões aqui apresentadas, uma delas na qual Bakhtin afirma o seguinte:

No vazio absoluto de valores, não é possível nenhum discurso e a própria consciência é impossível. Fora de Deus, fora da confiança numa *alteridade*

²⁹² TEZZA, 2007: p. 244

²⁹³ BAKHTIN, 1992 [1920-24]: p.76

²⁹⁴ Id., 2008 [1940-65]: p. 415

absoluta, são impossíveis a autoconsciência e o discurso sobre si mesmo, e isto não porque na prática estas sejam operações absurdas, mas porque a confiança em Deus é um elemento constitutivo, imanente à pura autoconsciência e ao discurso sobre si mesmo. (Quando eu superar os valores que tornam a atualidade auto-suficiente, superarei também o que dissimulava Deus; é quando não coincido comigo que se desvela o lugar destinado a Deus.) É preciso que a atmosfera de valores em que estou imerso atinja certo grau de calor para que a autoconsciência e o discurso sobre si mesmo possam realizar-se nela, para que sejam asseguradas condições de vida. O simples fato de eu conceder um significado, se bem que infinitamente negativo, ao que me determina, e de questioná-lo, ou seja, de eu tomar consciência de mim mesmo na existência, esse simples fato atesta que não estou sozinho em minha introspecção-confissão, que meus valores são refratados em alguém, que há alguém para quem apresento interesse, que há alguém que necessita que eu seja bom.²⁹⁵

A tarefa nos mostra desafiadora quer pelas controvérsias que ela arrasta, como as apontadas por Hirschkop²⁹⁶ (“a questão de Bakhtin realmente ter ou não uma crença nunca foi, e provavelmente nunca será, decidida”), quer pela escassez de estudos que encarem a questão tanto de frente²⁹⁷ quanto “de passagem”²⁹⁸, o que nos soa como um sintoma de que se está adentrando campo minado e/ou deliberadamente ignorado.

Parece-nos, e ficaremos apenas na impressão inicial, que Hirschkop acerta quando afirma que Bakhtin se nega a ver na linguagem apenas uma mera forma de denotar coisas (como a concepção burguesa-positivista de linguagem saussuriana, degradando-a ao nível de um mero instrumento), posto que perderia seu significado. E aqui Hirschkop resgata a noção bakhtiniana de *sentimento de fé* – “uma relação integral (da pessoa como um todo) com um valor mais alto e definitivo”, último e transcendente – que inovadoramente aplicada ao funcionamento da linguagem desemboca na noção de sobredestinatário (um terceiro, superior), contemplando um

entendimento responsivo absolutamente justo, que garante que os esforços empíricos feitos pelos mortais comuns para compreender um ao outro não são em vão. [...] para que a fala faça algum sentido como uma atividade, devemos viver na esperança da possibilidade de acabarmos sendo compreendidos, mesmo se aquilo que dizemos for persistentemente mal-entendido. [...] Nossos apelos contra o mal-entendido dependem desse ‘superdestinatário’, aquele que, de certa forma, para além de nosso destino na história real, resgata nossas palavras ao entendê-las corretamente.²⁹⁹

²⁹⁵ BAKHTIN, 1992 [1920-24]: pp. 158-9

²⁹⁶ HIRSCHKOP, Ken. O sagrado e o secular: atitudes perante a linguagem em Bakhtin, Benjamin e Wittgenstein.

In: *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.146-160

²⁹⁷ Em nossas pesquisas, encontramos em português apenas o texto de Hirschkop (2006)

²⁹⁸ Um dos poucos exemplos é o ensaio de Tezza (2007), que ao se propor elaborar um roteiro de leitura de AH, entre 25 páginas dedica dois parágrafos à questão.

²⁹⁹ HIRSCHKOP, op. Cit., p. 154

4. Considerações (quase sempre nunca!) finais

Nesse momento, não fazemos mais do que registrar algumas considerações (quase sempre nunca!) finais.

Apoiada em Faraco, que opera com a totalidade do conjunto da obra bakhtiniana, iniciamos esta pesquisa partindo do ponto de que a questão do valor é um dos eixos ou grande coordenada da concepção de linguagem do Círculo. Temos clareza de que nosso trabalho, no qual apenas algumas obras foram contempladas, é irrelevante para abonar qualquer outro. Entretanto, percorrendo um pequeno pedaço do caminho trilhado por Faraco, sobretudo quanto à axiologia e à linguagem, ao modo de síntese e conclusão, mais uma vez concordamos com as análises por ele elaboradas.

A dimensão valorativa emerge não somente no tom emocional-volitivo, na entonação, no signo, na ideologia e na relação dialógica – conceitos que nos orientaram na organização da pesquisa e foram adotados como critério na composição dos capítulos – mas como Faraco demonstra, também em outros aspectos, o que justifica ser denominada de eixo ou coordenada: compreensão ativa; doutrina da refração; enunciação; vozes; grande utopia ou “senso de fé”; relação lingüística-metalingüística; enunciados artístico-estéticos; estilo; discurso reportado; autor e autoria.

Feitas estas considerações, permito-me fazer algumas outras.

Diria também reagindo-respondendo a Sobral³⁰⁰ que sim, somos seres relacionais, mas a relação nela por ela mesma parece que ainda deixa lacunas. É condição necessária, mas não suficiente. Com esse estudo, fico com a impressão de que Bakhtin também postula que somos seres posicionais ou valorativos, ou seja, inexoravelmente assumimos posições (tenhamos clareza disso ou não), nos posicionamos valorativamente e/ou avaliativamente, ainda que esse posicionamento pressuponha inevitavelmente uma relação, pois é impossível posicionar-se diante do nada.

Chego ao final dessa etapa de reflexões com a impressão de que a ótica do valor foi deixada se não completamente à margem na história da recepção do pensamento

³⁰⁰ SOBRAL, 2008: p. 222

bakhtiniano, pelo menos deixada de lado como conceito menor, ou seja, sem características que fizessem dela uma estrela de primeira grandeza como dialogismo, polifonia, carnavalização e gêneros do discurso.

Talvez até por conta de que falar em valores atualmente (nos últimos trinta anos, principalmente) tem sido considerado algo um tanto quanto *démodé*, retrógrado, reacionário, antiquado ou tópico nem um pouco “pós-moderno”.

Talvez também porque ela esteja tão próxima, às vezes mesmo se confundindo, com a complexa e polêmica questão ideológica, que também anda fora das pautas das discussões mais recentes.

Talvez ainda porque não seja lá uma categoria (para aqueles que quiserem ver nela simplesmente mais uma categoria) muito produtiva com um alto grau de autonomia para ser aplicada aqui e ali desconectada do conjunto do pensamento.

Talvez porque principalmente o valor compreendido como entonação apenas na modalidade oral/acústica não necessariamente necessita de realização verbal ou lingüística em sentido estrito, e por isso o estudioso da língua não tem que trabalhar com a abordagem axiológica, já que ela não está materializada no seu objeto de estudo (a palavra).

Talvez, enfim, porque a originalidade e produtividade das “categorias mais importantes” (dialogismo, polifonia, carnavalização, gêneros...) tenham ofuscado a relevância da questão axiológica.

Apesar de todos esses “talvez”, chegamos ao final (sem concluir...) com a percepção de que a questão do valor é muito importante dentro do pensamento bakhtiniano em relação à linguagem. Com isso não se quer dizer que ela é “a” questão mais importante, nem tampouco a “única” questão, nem ainda que outras questões com enfoques diversos do que aqui foi apresentado não possam ser elaboradas.

Ao contrário, está presente em boa parte dos conceitos que compõem a concepção de linguagem do Círculo servindo como eixo orientador e combina com tantos outros se

completando reciprocamente dentro de uma teoria, ou melhor, de uma filosofia da linguagem.

Ignorar completamente ou menosprezar sua importância deixando de incluí-la nos estudos bakhtinianos pode levar a visões diferenciadas sobre a linguagem em Bakhtin. Se esse estudo contribuiu para menos evitar “visões equivocadas” (isto existe?) e mais chamar a atenção para a relevância de se incluir esse item como tópico permanente nas discussões, pode-se dizer que alcançou seu intento.

Enfim (e sem fim), nesta pesquisa, em que difere para a concepção de linguagem a “luz do valor” (ofuscada ou reluzente ou escondida debaixo do candeeiro)?

Enfim (e sem fim), com esta pesquisa, o que se concebe sobre a linguagem está em relação direta com o entendimento de que “viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica”?

Referências

I – Obras (do Círculo) de Bakhtin

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1920-24]

_____. O autor e o herói. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1920-24]. p. 23-220

_____. (VOLOSHINOV, V. N.). **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução, para uso didático, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1926]

_____. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. SP: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 2008 [1940-65], p. 1-11 e 410-20 (Linguagem e cultura, 12)

_____. (VOLOSHINOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1995 [1929]

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1952-53]. p. 277-326

_____. O problema do texto. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1959-61]. p. 327-358

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. RJ: Forense Universitária, 2008 [1929/1963]

_____. Apontamentos 1970-1971. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1970-71]. p. 369-97

_____. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1974/1940]. p. 399-414

_____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Col. Ensino Superior)

_____.; DUVAKIN, Viktor. **Mikhail Bakhtin em diálogo**: conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008 [1996]

II – Demais obras

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. SP: Musa Editora, 2004 [2001]

_____ Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: Faraco, C. A.; Tezza, C.; Castro, G. (Org.) **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes, 2006, pp. 17-24.

_____ A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemologia. In: FREITAS, M. T., JOBIM e SOUZA, S., KRAMER, S. (Org.) **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikahil Bakhtin**. SP: Cortez, 2007 [2003] (Coleção questões da nossa época: v. 107) p. 11-25

_____ Para uma Filosofia do Ato: 'válido e inserido no contexto'. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, Polifonia e Dialogismo**. SP: Contexto, 2009a, p. 17-43

_____ Memória do objeto: uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. Revista **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1o sem. 2009b, p. 8-22. Disponível em: http://www.linguagemememoria.com.br/sites/arquivos/downloads/marilia_amorim.pdf
Acessado em: 7/12/2009

BEZERRA, P. Prefácio: Uma obra à prova do tempo. In: **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. RJ: Forense Universitária, 2008 [1929/1963], p. V-XXII

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. SP: Ed da USP, 1994, p. 2-27 (Ensaio de Cultura, 7)

BUBNOVA, Tatiana. **Voz, sentido y diálogo en Bajtín**. Acta Poetica 27 (1) p. 97-114. 2006. Disponível em: <http://132.248.101.214/html-docs/acta-poetica/27-1/97-114.pdf>. Acesso em: 10-08-2009

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução por Fabiana Komesu. 2. Ed. SP: Contexto, 2008

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. SP: Perspectiva, 2004 [1984]

COSTA, Iná Camargo. O Marxismo neo-kantiano do primeiro Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 293-302

DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 263-279

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006a [2003]

_____ Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, Gilberto de (Org.) **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006b, p. 125-132

_____; TEZZA, C.; CASTRO, Gilberto de. Apresentação. In: _____ (Org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006c, p. 13-16

_____. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007a [2005], p. 37-60

_____. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007b [1996], p. 97-108

_____; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. Apresentação. In: _____ (Org.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007c [1996], p. 9-20

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. SP: Ática, 2006

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. SP: Atlas, 1999

HESSEN, Johannes. **Filosofia dos Valores**. Tradução de L. Cabral de Moncada. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1967 [1936] (Coleção Studium)

HIRSCHKOP, Ken. O sagrado e o secular: atitudes perante a linguagem em Bakhtin, Benjamin e Wittgenstein. In: **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.146-160

HOLQUIST, Michael. Prefácio. In: BAKHTIN, M. **Para uma Filosofia do Ato**. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza, 1993

KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 3. Ed. SP: Contexto, 1997 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

LEMONS, Cláudia T. G. de. A função e o destino da palavra alheia. In: BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. SP: Ed da USP, 1994, p. 37-43 (Ensaio de Cultura, 7)

MIOTELLO, Valdemir. Os discursos hegemônicos são turbulentos. In: GEGE. **Quimera...** São Carlos, SP: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2004, p. 63-74

_____. A memória do passado em jogo com a memória do futuro constitui sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. In: GEGE. **Veredas bakhtinianas: de objetos a sujeitos**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2006, p. 277-86

_____. Estudo da língua em Bakhtin: objeto e metodologia. In: SIGNORI, M. B. D.; GATTOLIN, S. R. B.; MIOTELLO, V. (Org.) **Década: dez anos entre o aprender e o ensinar linguagens**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007a, p. 275-286

_____. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007b [2005], p. 167-176

_____. Uma leitura do homem, outras leituras de seu texto: explicitando compromissos de estudos apoiados em Bakhtin. In: OSÓRIO, Ester M. R. **Bakhtin na prática: leituras de mundo**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008, p. 7-15

_____. Pensar é dever! E pensar já é tomar posição! In: Grupo de Estudos do Gênero do Discurso. **Círculo, rodas de conversa bakhtiniana 2009**: caderno de textos e anotações. São Carlos, SP: Pedro & João Editores. 2009. p. 343-5

MONCADA, L. C. de. Prefácio. In: HESSEN, J. **Filosofia dos valores**. Trad. de L. C. de Moncada. Coimbra, Portugal: Armênio Amado Editor, 1967 [1936] (Coleção Studium), p. 7-15

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação da tradução de Valdemir Miotello. SP: Contexto, 2008. p. 108-128

POSSENTI, Sírio. Intervindo nas leituras de Bakhtin. In: FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006a [2003], pp. 7-9

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973 [1916]

SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 graus. Uma experiência brasileira. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 15-22

_____. Bakhtin e o Ocidente: etapas de uma aproximação. In: CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. SP: Perspectiva, 2004 [1984], p. 11-15

SÉRIOT, Patrick. Bakhtin no contexto: diálogo de vozes e hibridação das línguas (o problema dos limites. In: ZANDWAIS, Ana (Org.) **Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p.59-72

SILVA, Nivea Rohling da. **O gênero entrevista pingue-pongue**: reenuniação, enquadramento e valoração do discurso do outro. 2007. 237 f. Dissertação. Programa de pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/thesis/view/94>. Acessado em: 1/6/2009

_____. **Os índices sociais de valor no gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista**. Revista Intercâmbio, volume XVII: 444-460, 2008. SP: LAEL/PUC-SP. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/artigos_xvii/29_nivea_rohling.pdf. Acessado em: 12/3/2009

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007a [2005], p. 11-36

_____. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007b [2005], p. 123-150

_____. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007c [2005], p. 103-121

_____. O ato “responsível”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. In: **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 11/1, jul. 2008, p. 219-235

_____. **O conceito de ato ético em Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito.** Revista eletrônica Bioéticos, Centro Universitário São Camilo, 2009; 3(1). p. 121-126. Disponível em <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/121a126.pdf>. Acesso em 29/7/2009

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin /Volochinov/Medvedev.** SP: Humanitas/FFLCH/USP, 1999

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. Tradução de Heloísa Jahn. SP: Ática, 1992 (Série Temas, Vol. 20)

TEZZA, Cristovão. **Entre a poesia e a prosa: Bakhtin e o formalismo.** RJ: Rocco, 2003

_____. Sobre O autor e o herói: um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) **Diálogos com Bakhtin.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007 [1996], p. 231-56

TODOROV, Tzevetan. Prefácio. In: **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Col. Ensino Superior)

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística.** Tradução de Rodolfo Ilari. SP: Contexto, 2004

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** SP: Atlas, 1987

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. Por uma arqueologia dos conceitos do círculo de Bakhtin: ideograma, signo ideológico, dialogismo. In: ZANDWAIS, Ana (Org.) **Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p. 11-40

VASILEV, N. L. A história da questão sobre a autoria dos ‘textos disputados’ em estudos russos sobre Bakhtin (M. M. Bakhtin e os seus co-autores) In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 290-304

WALL, Anthony. Por uma estética da recepção bakhtiniana ou O valor da mudança de expectativas. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Org.) **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 305-318

VELMEZOVA, Ekaterina. Mikhail Bakhtin, o mecânico e as fronteiras. In: ZANDWAIS, Ana (Org.) **Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. P. 73-82